O INFERNO BÍBLICO

As palavras traduzidas como inferno na Bíblia,

Sheol,
Hades,
Tártaro,
e Gehenna,

mostradas denotar um estado de duração finita.

Todos os textos contendo a palavra *Inferno* examinados e explicados em harmonia com a doutrina da salvação universal.

por

John Wesley Hanson
(DD)

Quarta edição,
Boston: Editora Universalista
1888

Conteúdo:
Capítulo e página no PDF:

PREFÁCIO

O breve passeio sobre a palavra "Inferno" contido neste volume, visa tratar o assunto em estilo popular e, ao mesmo

tempo, apresentar todos os fatos importantes, de forma tão completa e abrangente que qualquer leitor possa obter em poucas páginas uma visão panorâmica de "O Inferno da Bíblia".

O autor se aventura a esperar que qualquer um que leia com franqueza, não permitindo que o preconceito de uma educação errônea distorça seu julgamento, não deixará de concordar com as conclusões deste livro, ---- que a doutrina do pecado e da desgraça sem fim não encontra apoio nos ensinamentos da Bíblia sobre o Inferno.

1. O Inferno da Bíblia

A Bíblia ensina a idéia comumente defendida entre os cristãos a respeito do Inferno? O Inferno da Bíblia denota um lugar de tormento, ou uma condição de sofrimento sem fim, que começa na morte? O que é o Inferno da Bíblia? É evidente que a única maneira de chegar à resposta correta é rastrear as palavras

traduzidas como Inferno do início ao fim da Bíblia, e através de suas conexões verificar exatamente o que a Palavra divina ensina sobre este importante assunto. Parece incrível que um Deus sábio e benevolente tenha criado ou permitido qualquer tipo de inferno sem fim em seu universo. Ele fez isso? Os ensinamentos das Escrituras sobre o Inferno mancham o caráter de Deus e cobrem o destino humano com um manto impenetrável de escuridão, revelando um estado ou lugar de tormento sem fim? Ou explicam a sua existência, aliviam o caráter de Deus e dissipam todas as trevas da descrença, ensinando que ela existe como um meio para um bom fim? É nossa crença que o Inferno da Bíblia não é o inferno pagão, nem o inferno "ortodoxo", mas é aquele que está condenado a desaparecer quando o seu propósito tiver sido cumprido, na reforma daqueles para cujo bem-estar um Deus bom o ordenou.

2. A palavra inglesa Hell

A palavra inglesa Hell evoluiu até seu significado atual (inferno). Horne Tooke diz que hell, heel, hill, hole, whole, hall, hull, halt and hold (inferno, calcanhar, colina, buraco, inteiro, salão, casco, parada e retenção) vêm todos da mesma raiz. "Hell" (Inferno), qualquer lugar ou algum lugar *coberto.* "Heel" (Calcanhar), a parte do pé que é *coberta* pela perna. "Hill" (Colina), qualquer monte de terra, ou pedra, etc., pela qual a superfície plana ou nivelada da terra é *coberto.* "Hole" (whole, São), isto é, curado ou inteiro. "Whole" (Inteiro), o mesmo que saudável, ou seja, *coberto* pela pele, cicatrizado. Antigamente "whole" (inteiro) era escrito, sem o w, isto é, "hole" (que hoje significa buraco) como uma ferida (buraco na pele) é curada, isto é, *coberta* pela pele. Esta forma de expressão não parecerá extraordinária se considerarmos o uso da palavra "recover" recuperar (a saúde) mas também *recobrir* (a ferida com pele na cicatrização). "Hall" (Salão), um edifício *coberto,* onde as pessoas se reúnem, ou onde as mercadorias são protegidas das intempéries. "Hull" (Casco, de uma noz,

etc.) a noz está *coberta.* “Hole” (Buraco), algum lugar *coberto.* 'Vocês procurarão buracos para esconder suas cabeças.' Holt, holed, hol'd holt. Um terreno ascendente ou colina *coberta* de árvores. Hold, como o porão de um navio, no qual as coisas estão *cobertas,* ou a parte *coberta* de um navio.

A palavra foi aplicada pela primeira vez à sepultura pelos nossos antepassados alemães e ingleses, e à medida que a superstição passou a considerar a sepultura como uma entrada para um mundo de tormento, “Hell” (Inferno) acabou por se tornar a palavra usada para denotar um reino imaginário de angústia ardente.

Dr. Adam Clarke diz: "A palavra “Hell” (Inferno), usada na tradução comum, transmite agora um significado impróprio da palavra original; porque “Hell” (Inferno) é usado apenas para significar o lugar dos condenados. Mas como a palavra “Hell” (Inferno) vem do anglo-saxão “Helan”, cobrir ou esconder,

“henee”, o ladrilho de uma casa é chamado, em algumas partes da Inglaterra (principalmente na Cornualha), “heling”, até hoje, e os descaroçadores de livros (em Lancashire), pelo mesmo nome , então o significado literal da palavra original hades foi anteriormente bem expresso por ela."--- *Com. In loc.*

3. Quatro palavras traduzidas como Inferno

Na Bíblia são traduzidas quatro palavras como Inferno: a palavra hebraica *Sheol (שאול).,* no Antigo Testamento original; seu equivalente, a palavra grega *Hades,* na Septuaginta; e no Novo Testamento, *Hades (‘αδης), Gehenna (γεεννα) e Tártaro (ταρταρω).*

4. Sheol e Hades

O Antigo Testamento hebraico, foi traduzido para o grego cerca de trezentos anos antes da era cristã. Das sessenta e quatro vezes em que *Sheol* ocorre no

hebraico, ele foi traduzido com a palavra grega *Hades* sessenta vezes, de modo que pode-se considerar *Hades* como equivalente de *Sheol (Seol, Saul).* Mas nenhuma dessas palavras é usada na Bíblia para significar punição após a morte, nem a palavra Inferno deveria ser usada como a tradução de *Sheol* ou *Hades,* pois nenhuma das palavras denota tormento post-mortem. De acordo com o Antigo Testamento, as palavras *Sheol* e *Hades* significam principalmente apenas o lugar ou estado dos mortos. O caráter daqueles que partiram para lá não afeta sua situação no *Sheol,* pois todos, bons e maus, foram para o *Sheol.* A palavra não pode ser traduzida pelo termo Inferno, pois isso faria Jacó esperar ir para um lugar de tormento e provaria que o Salvador do mundo, Davi, Jonas, etc., já sofreram na prisão dos danados. Em todos os casos do Antigo Testamento, as palavras *Sheol* e *Hades* podem ser substituídas pelo termo sepultura, seja no sentido literal ou figurado. A palavra sendo um nome próprio deveria sempre ter sido deixada sem tradução. Se a

palavra *Sheol* tivesse sido levada para a Septuaginta grega, e daí para o inglês, não traduzida, um mundo de equívocos teria sido evitado, pois quando é traduzido como Hades, todo o materialismo da mitologia pagã é sugerido à mente, e quando traduzido como "Hell" (Inferno), são sugeridas as monstruosidades medievais de um cristianismo corrompido por adulterações pagãs. Se a palavra tivesse sido autorizada a viajar sem ser traduzida, ninguém lhe daria o significado que agora tantas vezes lhe é aplicado. *Sheol,* primariamente, literalmente, a sepultura, ou morte, secundária e figurativamente as consequências políticas, sociais, morais ou espirituais da maldade no mundo atual, é a força precisa do termo, onde quer que seja encontrado.

Sheol ocorre exatamente sessenta e quatro vezes e é traduzido como "Hell" (inferno) trinta e duas vezes, cova três vezes e sepultura vinte e nove vezes. Dr. George Campbell, um crítico célebre, diz que "*Sheol* significa o estado dos mortos em geral, sem levar em conta a bondade

ou maldade das pessoas, sua felicidade ou miséria”.

5. Cinco textos do Antigo Testamento reivindicados

O professor Stuart (congregacional ortodoxo) ousa reivindicar apenas cinco das sessenta e quatro passagens como prova de que a palavra significa um lugar de punição após a morte. “Estes”, diz ele, “podem designar o futuro mundo de miséria”. "Eles passam os dias na riqueza e num momento descem ao *Sheol.*" "Os ímpios serão lançados no *Sheol,* e todas as nações que se esquecem de Deus." "Seus pés descem até a morte, seus passos apoderam-se do *Sheol.*" "Mas ele sabe que os fantasmas estão lá e que seus convidados estão nas profundezas do Sheol." "Você o espancará com uma vara e libertará sua alma do *Sheol.* Ele observa:" O significado será bom, se supormos que o *Sheol* designa punição futura. "" Eu admito que interpretar todos os textos que exibem *Sheol* como fazendo referência

apenas à sepultura é possível; e portanto é possível interpretá-los “como designando uma morte violenta e prematura, infligida pela mão do Céu”.

Um exame mostra que essas cinco passagens concordam com as demais em seu significado:

Sal. 9:17: "Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus." Os ímpios aqui são “os pagãos”, “meus inimigos”, isto é; não são indivíduos, mas “as nações que se esquecem de Deus”, isto é, as nações vizinhas, os pagãos. Eles serão lançados no *Sheol,* na morte, morrerão *como nações,* por sua maldade. Não se está falando de pecadores individuais.

O Professor Alexander, do Seminário Teológico de Princeton, apresenta assim a tradução correta do Sal. 9:17, a única passagem que contém a palavra geralmente citada do Antigo Testamento para transmitir a ideia de punição post-mortem. "Os ímpios voltarão, até mesmo

para o inferno, para a morte ou para a sepultura, todas as *nações* esquecidas de Deus. Os inimigos de Deus e de seu povo não serão apenas frustrados e repelidos, mas levados à destruição, e que não apenas indivíduos , mas nações." O Prof. Allen, do Bowdoin College, diz sobre este texto: “O castigo expresso nesta passagem é o afastamento da vida, a destruição da terra por algum julgamento especial e a remoção dos mortos para o estado invisível. o texto não parece significar, com certeza, nada além do estado dos mortos em sua morada profunda." Professor Stuart: "Significa uma morte violenta e prematura infligida pela mão do céu." Jó 21:13: “Eles passam os dias na riqueza e num momento descem à sepultura.”

Parece que ninguém poderia reivindicar este texto como uma ameaça de punição pós-morte. É uma mera declaração de morte súbita. Isto fica evidente quando lembramos que foi proferido a um povo que, segundo todas as autoridades, não acreditava em punição após a morte.

Provérbios 5:5: “seus pés descem para a morte; seus passos seguram o inferno (*Sheol*)”. Esta linguagem, colocando a morte e o *Sheol* em paralelo, anuncia que a mulher estranha caminha por caminhos de tristeza e morte rápidas e inevitáveis. E o mesmo acontece com Prov. 9:18: "Mas ele não sabe que os mortos estão lá; e que seus convidados estão nas profundezas do inferno (*Sheol*)." *Sheol* é aqui usado como uma figura emblemática da horrível condição e destino daqueles que seguem os caminhos do pecado. Eles estão mortos enquanto vivem. Eles já estão no *Sheol* ou no reino da morte.

Provérbios 23:13-14: "Não retenhas a correção da criança; porque se bateres nele com a vara, ele não morrerá. Tu o baterás com a vara e livrarás a sua alma do inferno (*Sheol*)." *Sheol* é aqui usado como sepultura, para denotar a morte que as crianças rebeldes experimentam cedo, ou pode significar aquela condição moral da alma que *Sheol,* o reino da morte, significa. Mas em nenhum caso é suposto

que signifique um lugar ou condição de punição pós-morte em que, como todos os estudiosos concordam, Salomão não era um crente.

6. Significado da Palavra Sheol

O verdadeiro significado da palavra, Stuart admite, ser o submundo, a região dos mortos, o túmulo, o sepulcro, a região dos fantasmas ou espíritos que partiram. (Ex. Ess.): "Era considerado como um vasto e amplo domínio ou região, do qual o túmulo parece ter sido apenas uma parte ou uma espécie de entrada. Parece ter sido considerado como uma extensão nas profundezas da terra, até mesmo em seus abismos mais profundos... Nesta região sem limites, às vezes viviam e se mudavam os nomes de amigos que partiram."

Mas essas cinco passagens não ensinam a doutrina que ele pensa que possam ensinar. O injusto possuidor de riquezas desce à morte; as nações que se esquecem

de Deus são destruídas como nações; os passos obscenos das mulheres levam à morte; seus convidados estão no caminho descendente; a vara que corrige sabiamente a criança indisciplinada, salva-a da destruição do pecado. Não há nenhum indício de um inferno sem fim, nem de um inferno post-mortem nessas passagens, e se não houver nestas cinco, então admite-se que não está em nenhuma passagem que contenha a palavra.

Que o *Sheol* hebraico nunca designa um local de punição em um futuro estado de existência, temos o testemunho dos mais eruditos estudiosos, mesmo entre os chamados ortodoxos. Citamos o depoimento de alguns:

Rev. Dr. Whitby: "*Sheol,* em todo o Antigo Testamento, não significa um lugar de punição apenas para as almas dos homens maus, mas o túmulo, ou local de morte." Dr Chapman: "*Sheol,* por si só considerado, não tem conexão com punição futura." Dr. Allen: "O próprio termo *Sheol* não parece significar nada

mais do que o estado dos mortos em sua morada escura." Dr. Firbairn, do College of Glasgow: "Sem dúvida, o *Sheol,* como o *Hades,* era considerado a morada após a morte, tanto dos bons quanto dos maus." Edward Leigh, que diz que a "Introdução" de Horne foi "um dos mais eruditos entendimentos das línguas originais das Escrituras", observa que "todos os eruditos hebreus sabem que os hebreus não têm uma palavra adequada para inferno, como entende-se hoje inferno. "

Prof. Stuart: "Não pode haver dúvida razoável de que *Sheol* geralmente significa o submundo, o túmulo ou sepulcro, o mundo dos mortos. É muito claro que há muitas passagens onde nenhum outro significado pode ser razoavelmente atribuído a ele . Conseqüentemente, nossos tradutores ingleses traduziram a palavra Sheol "grave" (sepultura) em trinta ocorrências de um total de sessenta e quatro ocorrências em que ela (*Sheol*) ocorre."

Dr. Thayer em sua *Teologia do*

Universalismo (encontrável em português e PDF na internet) cita o seguinte: Dr. Whitby diz que o Inferno "em todo o Antigo Testamento significa apenas a sepultura ou o local da morte." Arcebispo Whately: "Quanto a um futuro estado de retribuição em outro mundo, Moisés não disse nada aos israelitas sobre isso". Milman diz que Moisés "mantém um profundo silêncio sobre as recompensas e punições de outra vida". O Bispo Warburton testifica que, "Na República Judaica, tanto as recompensas como as punições prometidas pelo Céu eram apenas temporais (para este mundo) - tais como saúde, vida longa, paz, abundância e domínio, etc., doenças, morte prematura, guerra, fome, necessidade, sujeições, cativeiro, etc. E em nenhum lugar dos Institutos Mosaicos há a menor menção, ou qualquer sugestão inteligível, das recompensas e punições de outra vida. Paley declara que a dispensação mosaica "tratava de recompensas e punições temporais. As bênçãos consistiam inteiramente em benefícios mundanos e as maldições de punições mundanas. apenas

aquelas que são concedidos no presente estado de ser." Jahn, cuja obra é o livro-texto do Seminário Teológico de Andover, diz: "Não temos autoridade, portanto, decididamente para dizer, que quaisquer outros motivos foram apresentados aos antigos Hebreus a buscar o bem e evitar o mal, do que aqueles que foram derivados das recompensas e punições *desta vida*." Do mesmo fato importante testemunham os Prof. Wines, Bush, Arnauld e outros teólogos e estudiosos ilustres. que os hebreus não têm uma palavra adequada para inferno, tal como nós consideramos hoje o inferno."

[Nota de rodapé: Encic. Britânica, vol. 1. Dis. 3 "Peculiaridades da Religião Cristã" de Whateley, p.44, 2ª edição, e suas "Revelações das Escrituras sobre um Estado Futuro", pp. 18, 19, edição americana. "Hist. Dos Judeus" de MILMAN, vol. 1, 117. "Legação Divina", vol. 3, pp. 1, 2 e c. 10ª edição de Londres. Obras de PALEY, vol. 5. pág. 110, Sermão 13. "Arqueologia" de Jahn, 324. Lee, em sua "Escatologia", diz: "Deve ser lembrado que as recompensas e

punições dos Institutos Mosaicos eram exclusivamente temporais. sejam indivíduos ou comunidades, nas quais é feita referência ao bem ou ao mal de um estado futuro como motivo para a obediência."]

Dr. Muenscher, autor de uma *História Dogmática* em alemão, diz: “As almas ou sombras dos mortos vagam no *Sheol,* a região ou reino da morte, uma morada nas profundezas da terra. Para lá vão todos os homens, sem distinção, e não esperam retorno. Cessa toda dor e angústia; reina um silêncio ininterrupto; ali tudo fica impotente e imóvel; e até mesmo o louvor de Deus não é mais ouvido. " Von Coelln: “O próprio *Sheol* é descrito como a casa designada para todos os viventes, que recebe em seu seio toda a humanidade, sem distinção de posição, riqueza ou caráter moral. É somente no modo da morte, e não na condição após a morte, que o bem se distingue do mal. Os justos, por exemplo, morrem em paz e são gentilmente levados embora antes que o mal chegue; enquanto uma morte amarga quebra os ímpios como uma árvore."

7. Sheol traduzido como Sepultura

Consulte as passagens em que a palavra é traduzida como sepultura, e substitua a palavra original *Sheol,* e verá que o significado é muito melhor preservado: Gênesis 37: 34-35: “E Jacó rasgou as suas vestes e colocou sacos. sobre os seus lombos, e pranteou por seu filho muitos dias. E todos os seus filhos e todas as suas filhas se levantaram para confortá-lo; mas ele recusou ser consolado; e disse: Porque descerei à sepultura (*Sheol*) até meu filho chorando. Assim seu pai chorou por ele.” Não foi para a sepultura literal, mas para o reino dos mortos, para onde Jacó supôs que seu filho tivesse ido, para onde ele desejava ir, ou seja, para o *Sheol.*

Gênesis 42:38 e 44:31 têm o mesmo significado: “E ele disse: Meu filho não descerá contigo; aonde você for, então você trará meus cabelos grisalhos com tristeza para a sepultura. "Acontecerá que, quando ele vir que o rapaz não está

conosco, ele morrerá; e teus servos derrubarão com tristeza os cabelos grisalhos de teu servo, nosso pai." A sepultura literal pode ser entendida aqui, mas se *Sheol* tivesse permanecido sem tradução, qualquer leitor teria entendido o sentido pretendido.

1ºSamuel 2:6: “O Senhor mata e dá vida; ele desce à sepultura e faz subir”. 1ºReis 2:6-9: "Faze, pois, segundo a tua sabedoria, e não deixes que a sua cãs (cabeleira grisalha) desça à sepultura em paz. Agora, pois, não o consideres inocente; porque tu és um homem sábio e sabes o que deves fazer. faça-lhe; mas a suas cãs levarás à sepultura (*Sheol*) com sangue." Jó 7: 9: “Assim como a nuvem se consome e desaparece, assim aquele que desce à sepultura (*Sheol*) não subirá mais”. Jó 14: 13: "Oh, que me escondas na sepultura, que me mantenhas em segredo, até que passe a tua ira, que me marques um tempo determinado e te lembres de mim."

Sobre Corá e seu grupo, é dito: “Eles e

todos os que pertenciam a eles desceram vivos à cova, e a terra fechou-se sobre eles, e eles pereceram dentre a congregação.” —Núm. 16:33. Jó 17:13-14: "Se eu esperar, a sepultura (*Sheol*) será a minha casa: farei a minha cama nas trevas. Disse à corrupção: Tu és meu pai: ao verme, tu és minha mãe, e minha irmã." Jó 21:13: “Eles passam os dias na riqueza e num momento descem à sepultura”(*Sheol)*. Jó 33:21-22: "Desaparece a sua carne à vista de olhos, e os seus ossos, que se não viam, agora aparecem: E a sua alma se vai chegando à cova, e a sua vida ao que traz morte. " Sal. 6:5: “Na sepultura quem te dará graças?” Sal. 30:3(ou 4): "Ó Senhor, tu fizeste subir a minha alma da sepultura (*Sheol*); tu me mantiveste vivo, para que eu não descesse ao abismo." Sal. 88: 3: "Porque a minha alma está cheia de angústias, e a minha alma se aproxima da sepultura." Prov. 1:12: “Vamos engoli-los vivos como sepultura”. Sal. 20: 3: “Na sepultura quem te dará graças?” Sal. 141:7: “Nossos ossos estão espalhados à beira da sepultura”. Cânticos 8:6: "O ciúme é cruel como a

sepultura." Ecl. 9:10: “Não há obra, nem artifício, nem conhecimento, nem sabedoria na sepultura para onde vais.” Is. 38:18: "Porque a sepultura não pode te louvar, a morte não pode te celebrar: aqueles que descem à cova não podem esperar pela tua verdade." Hos. 14:14: "Eu os resgatarei do poder da sepultura - ó sepultura, eu serei a tua destruição." Jó 33:22: "Sua alma (do homem) se aproxima da sepultura." I Reis 2: 9: "Mas a sua cabeça te faz descer à sepultura com sangue." Jó 24: 19: "A seca e o calor consomem as águas da neve; o mesmo acontece com a sepultura daqueles que pecaram." Salmo 6: 5: “Porque na morte não há lembrança de ti; na sepultura quem te dará graças”. Salmo 31:17: "Envergonhem-se os ímpios e calem-se na sepultura." Salmo 89:48: “Qual é o homem que vive e não verá a morte? e o ventre estéril; a terra que não está cheia de água; e o fogo que não diz. É o suficiente.” Isa. 14:11: “A tua pompa é levada à sepultura, e o barulho das tuas violas; os vermes estão espalhados debaixo de ti, e os vermes te cobrem." Em Is. 38:18:

"Porque a Sepultura (*Sheol, Hades*) não pode te louvar; a morte não pode te celebrar; aqueles que descem à cova não podem esperar pela tua verdade." Prof. Stuart diz: "Eu considero o significado simples deste lugar controverso (e de outros semelhantes, por exemplo, Sal. 6:5; 30:9; 88: 11; 115:7; Compare com 118: 17) como sendo isto, a saber, "Os mortos não podem mais dar graças a Deus nem celebrar seu louvor entre os vivos na terra, etc." E ele observa corretamente (pág. 113-114): "É de lamentar que a nossa tradução inglesa tenha dado ocasião à observação de que aqueles que a fizeram pretendiam impor aos seus leitores, em qualquer caso, um sentido diferente daquele do hebraico original. A inconstância com que traduziram a palavra *Sheol,* mesmo em casos da mesma natureza, deve obviamente fornecer algum fundamento aparente para esta objeção contra a sua versão dele.

Ninguém explica por que a palavra deveria ter sido traduzida como sepultura e cova nas passagens anteriores, e inferno

nas demais. Por que não é sepultura ou inferno, ou melhor ainda, *Sheol* ou *Hades* em todos os casos, ninguém pode explicar, pois não há razão válida.

8. Sheol traduzido como Inferno

A primeira vez que a palavra *Sheol* é traduzida como Inferno na Bíblia é em Deut. 32:22-26: "Porque um fogo se acendeu na minha ira, e queimará até o mais profundo do Inferno (*Sheol-Hades*), e consumirá a terra com a sua novidade, e incendiará os fundamentos das montanhas. Eu amontoarei males sobre eles; gastarei sobre eles as minhas flechas; serão queimados de fome, e devorados com calor ardente, e com amarga destruição; também enviarei sobre eles dentes de animais, com veneno de serpentes do pó. A espada externa e o terror interior destruirão tanto o jovem como a virgem, o lactente também com o homem de cabelos grisalhos. Eu disse, eu os espalharia pelos cantos, eu faria com que a lembrança deles cessasse entre os

homens. "

Assim, o Inferno mais baixo está na terra, e seus tormentos consistem em dores que só são possíveis nesta vida: “fome”, “dentes de feras”, “veneno de serpentes”, “espada”, etc.; e não apenas os verdadeiros infratores devem sofrê-los, mas até mesmo os "crianças" devem ser envolvidos na calamidade. Se o tormento sem fim for denotado pela palavra (*Sheol-Hades*), segue-se a condenação infantil, pois para este inferno "o lactente e o homem de cabelos grisalhos vão", lado a lado. A dispersão e destruição dos israelitas, neste mundo, é o significado do fogo no inferno mais profundo, como qualquer leitor pode ver consultando cuidadosamente o capítulo que contém este primeiro exemplo do uso da palavra.

Semelhante a este são os ensinamentos onde quer que a palavra ocorra no Antigo Testamento: "Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção." Sal. 16:10. Aqui a “corrupção” é colocada em paralelo com o

Sheol, ou morte.

"Embora eles cavem o Inferno, de lá minha mão os levará; embora eles subam ao céu, de lá eu os derrubarei." Amós 9:2. "Se eu subir ao céu, estás lá; se eu arrumar minha cama no inferno, eis que estás lá." Sal. 139: 8. "Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás tu fazer? mais profunda do que o inferno, que poderás tu saber?" Jó 11:8 O céu e as profundezas da terra são aqui colocados em oposição, para representar altura e profundidade. Um lugar de tormento após a morte nunca foi pensado por nenhum daqueles que usam a palavra no Antigo Testamento.

Se a palavra significa um lugar de punição sem fim, então Davi era um monstro. Sal. 55:15: "Que a morte se apodere deles, e que desçam rapidamente ao *Sheol-Hades*!"

Jó desejava ir para lá. 14:13: “Oh, se me escondesses no *Sheol-Hades.*

Ezequias esperava ir para lá. - Is 38:10: “Eu disse no final dos meus dias: Irei até os portões do *Sheol-Hades.*

Corá, Datã e Abirão (Números 16: 30-33) não apenas foram para lá "mas também suas casas, e bens, e tudo o que possuíam", "e a terra abriu a boca e os engoliu, e suas casas, e todos os homens que pertenciam a Corá e todos os seus bens. Eles e todos os que pertenciam a eles desceram vivos ao *Sheol-Hades,* e a terra se fechou sobre eles; e eles pereceram dentre a congregação." Está no pó - Jó 17: 16: "Eles descerão às grades do *Sheol-Hades,* quando o nosso descanso juntos estiver no pó."

Tem boca, é na verdade a sepultura, veja Sal. 141: 7: "Nossos ossos estão espalhados na boca do *Sheol-Hades,* como quando alguém corta e fende lenha na terra."

Tem cabelos grisalhos, Gn 42: 38: "E ele disse: Meu filho não descerá convosco; porque seu irmão está morto, e ele ficou

sozinho: se algum mal lhe acontecer no caminho por onde vocês andam, então fareis descer meus cabelos grisalhos com tristeza ao *Sheol-Hades.*"

A derrubada do Rei da Babilônia é chamada de Inferno. - Isa. 14: 9-15, 22-23: "O inferno, *Sheol-Hades,* de baixo se move para que te encontres na tua vinda; ele desperta para ti os mortos, sim, todos os principais da terra; ele ressuscitou levantará de seus tronos todos os reis das nações. Todos eles falarão e dirão a ti: Você também se tornou fraco como nós? Você se tornou como nós? Tua pompa é levada à sepultura, e o barulho das tuas violas ; os vermes se estendem debaixo de ti, e os vermes te cobrem; Porque me levantarei contra eles, diz o Senhor dos Exércitos, e eliminarei de Babilônia o nome, e o restante, e o filho, e o sobrinho, diz o Senhor. também a tornarei uma possessão de águas amargas e de lagos de águas; e varrê-la-ei com a vassoura da destruição, diz o Senhor dos Exércitos." Todas essas imagens demonstram uma calamidade temporal, uma derrubada

nacional como o significado da palavra Inferno.

O cativeiro dos judeus é chamado de Inferno. - Isa. 5: 13-14: "Portanto o meu povo foi para o cativeiro, porque não tem conhecimento; e os seus homens honrados estão famintos, e a sua multidão secou de sede. Por isso o *Sheol-Hades* se alargou e abriu a boca sem medida; e a sua glória, e a sua multidão, e a sua pompa, e aquele que se alegra, descerão a ele.

A queda na terra é chamada Inferno. - Sal. 49:14: "Como ovelhas, eles são colocados na sepultura, a morte se alimentará deles; e os retos terão domínio sobre eles pela manhã; e sua beleza consumirá no *Sheol-Hades,* de sua habitação." Ezequiel 32: 26-27: “E não se deitarão com os poderosos que caíram dos incircuncisos, que desceram ao *Sheol-Hades* com as suas armas de guerra, e puseram as suas espadas debaixo das suas cabeças”. Os homens estão no inferno com as espadas debaixo da cabeça. Isto não pode significar um estado de sofrimento

consciente.

O inferno será destruído. Hos. 13:14: "Ó sepultura, eu serei a tua destruição." 1º Cor. 15:55: "Ó sepultura, eu serei a tua destruição." Apoc. 20:13,14: “E a morte e o inferno (*Hades*) entregaram os mortos que neles havia, e a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo”.

Sheol é precisamente a mesma palavra que *Saul (Saulo)* (שאול). Se ela significasse Inferno, algum pai hebreu teria chamado seu filho de *Sheol* (Saul)? Pense em chamar um menino de *Inferno* (Sheol)!

Em nenhum lugar do Antigo Testamento a palavra *Sheol,* ou seu equivalente grego, *Hades* (na Septuaginta), denota um lugar ou condição de sofrimento após a morte; significa morte literal ou calamidade temporal (na terra). Isso fica claro quando consultamos o uso.

Conseqüentemente, Davi, depois de ter estado no Inferno, foi libertado dele: Sal. 18:5; 30:3: "Ó Senhor, tu tiraste a minha

alma da sepultura; tu me mantiveste vivo, para que eu não descesse à cova. Quando as ondas da morte me cercaram, as torrentes de homens ímpios me deixaram com medo. " "As tristezas do Inferno, *Sheol-Hades* me cercaram; as armadilhas da morte me impediram", para que haja fuga do Inferno."

Jonas esteve num peixe apenas setenta horas e declarou que estaria no inferno para sempre. Ele escapou do Inferno. Jon. 2:2,6: "Do ventre do Inferno (*Sheol-Hades*) gritei, e tu ouviste a minha voz, a terra com as suas grades estava ao meu redor para sempre." Até mesmo um Inferno eterno durou apenas três dias.

É um lugar onde Deus está e por isso deve ser instrumento de misericórdia. Sal. 139:8: "Se eu arrumar minha cama no Inferno (*Sheol-Hades*), eis que você está lá."

Os homens que entraram nele são redimidos dele. É sou. 2:6: "O Senhor mata e dá vida: ele desce à sepultura

(*Sheol-Hades*) e faz subir."

Jacob queria ir para lá. - Gen. 37:35: "Descerei ao sepulcro *Hades* até o luto de meu filho."

9. Todos os textos da palavra Sheol

Além das passagens já fornecidas, registramos agora todos os outros lugares onde a palavra *Sheol-Hades* ocorre. É traduzido como Inferno nas seguintes passagens: Sal. 86: 13: "Tu livraste minha alma do inferno mais profundo." Sal. 156: 3: "As dores do Inferno se apoderaram de mim: encontrei problemas e tristezas." Prov. 15: 11, 24: "O inferno e a destruição estão diante do Senhor. O caminho da vida está acima para o sábio, para que ele possa se afastar do inferno abaixo." Prov. 23:14: "Tu o vencerás e livrarás a sua alma do Inferno." Prov. 27: 20: "O inferno e a destruição nunca estão cheios; por isso os olhos do homem nunca estão satisfeitos." Isaías 28:15,18: “Porque dissestes: Fizemos aliança com a morte, e

com o Inferno estamos de acordo; quando passar o flagelo transbordante, não chegará a nós; porque fizemos da mentira o nosso refúgio, e sob a falsidade nos escondemos. E seu pacto com a morte será anulado, e seu acordo com o Inferno não permanecerá; quando o flagelo transbordante passar, então vocês serão pisoteados por ele. " Isaías 57: 9: "Tu te rebaixaste até o inferno." Ezequiel 31:16-17: "Eu fiz tremer as nações ao som da sua queda, quando o lancei no inferno com os que descem à cova; e todas as árvores do Éden, a melhor e melhor do Líbano, todas bebem água, serão consolados nas partes mais baixas da terra. Também desceram com ele ao inferno, para aqueles que foram mortos à espada; e aqueles que eram seu braço, que habitavam sob sua sombra no meio do pagão." Jonas diz: “Do ventre do Inferno clamei, e tu me ouviste.” – Jon. 2: 2. Hab. 2: 5: "Sim, também porque transgride pelo vinho, ele é um homem orgulhoso que não se mantém em casa, que amplia o seu desejo como o Inferno e é como a morte, e não pode ser satisfeito."

Acreditamos ter registrado todas as passagens em que ocorre a palavra *Sheol-Hades.* Suponha que a palavra original permanecesse, e lemos Sheol ou Hades em todas as passagens em vez de Inferno, qualquer leitor imparcial consideraria a palavra como transmitindo a ideia de um lugar ou estado de tormento sem fim após a morte? Tal como a palavra inglesa *Hell* (Inferno) denota hoje? Tal doutrina nunca foi defendida pelos antigos judeus. Somente depois do cativeiro babilônico, durante o qual eles a adquiriram dos pagãos. Todos os estudiosos concordam que Moisés nunca o ensinou e que não está contido no Antigo Testamento.

Assim, nenhuma das sessenta e quatro passagens que contêm a única palavra traduzida como Inferno em todo o Antigo Testamento ensina qualquer pensamento que comumente se supõe estar contido na palavra inglesa *Hell* (Inferno). Seria melhor se tivesse sido mantido sem traduzir a palavra *Sheol,* o nome próprio da região da morte, a habitação dos

mortos.

Diz-se que os homens na Bíblia estão no inferno, *Sheol-Hades,* e no "inferno mais profundo", enquanto estão na terra. Deut. 32:22; Jonas 2: 2; Apocalipse 6: 8.

Os homens estiveram no Inferno, *Sheol-Hades,* e ainda assim escaparam dele. Sal. 18:5,6; 2ºSam. 22:6; Jon 2:2; Sal. 116:3; Sal. 86:12-13; Sal. 30:3; Apocalipse 20: 13.

Deus liberta os homens do Inferno, *Sheol-Hades.* Isa. 2:6.

Todos os homens irão para lá. Ninguém pode escapar do Inferno da Bíblia, *Sheol-Hades.* Sal. 89:48.

Não pode haver mal algum ali, pois não há nenhum tipo de trabalho ali. Ecl. 9:10.

Dizia-se que a alma de Cristo estava no Inferno, *Sheol-Hades.* Atos 2:27-28.

Ninguém na Bíblia fala do Inferno, *Sheol-*

Hades, como um lugar de punição após a morte.

É uma forma de escapar do castigo. Amós 9:2.

Os habitantes do Inferno, *Sheol-Hades,* são comidos por vermes, desaparecem e são consumidos. Jó 7:9,21; Sal. 49:14.

Inferno, *Sheol-Hades* é um lugar de descanso. Jó 17:16.

É um reino de inconsciência. Sal. 6:5; Is. 38:18; Ecl. 9:10.

Todos os homens serão libertados deste Inferno. Hos. 13:14.

O inferno, *Sheol-Hades,* será destruído. Hos. 13:14; 1ºCor. 15:55; Apocalipse 20: 14.

Na época em que essas declarações foram feitas e universalmente aceitas pelos hebreus, todas as nações vizinhas defendiam doutrinas totalmente

diferentes. O Egito, a Grécia e Roma, ensinaram que após a morte existe um destino reservado para os ímpios que se assemelha exatamente ao ensinado pelos chamados cristãos ortodoxos. Mas todo o Antigo Testamento é totalmente silencioso sobre o assunto, não ensinando nada do tipo, como mostram as sessenta e quatro passagens que citamos e como admitem os críticos de todas as igrejas. E, no entanto, "Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios" (Atos 7:22), que acreditavam em um mundo de tormento após a morte. Se Moisés sabia tudo sobre esta doutrina egípcia e não a ensinou aos seus seguidores, qual é a inferência inevitável?

10. Testemunho de Acadêmicos

O Dr. Strong diz que não apenas Moisés, mas "todo israelita que saiu do Egito, deve ter estado plenamente familiarizado com a doutrina universalmente reconhecida de recompensas e punições futuras". E ainda assim Moisés permanece totalmente

silencioso sobre o assunto.

Dr. Thayer comenta: “É possível imaginar uma prova mais conclusiva contra a origem divina da doutrina? Se ele tivesse acreditado que ela era de Deus, se ele tivesse acreditado em tormentos sem fim como a condenação dos ímpios após a morte, e tivesse recebido isso como uma revelação do céu, ele poderia tê-la ignorado em silêncio? Ele teria ousado ocultá-la ou tratado um assunto tão terrível com tão marcante desprezo? E que motivo ele poderia ter tido para fazer isso? Não posso conceber uma evidência mais impressionante do fato de que a doutrina não é de Deus. Ele sabia de onde veio o monstruoso dogma, e ele já tinha visto o suficiente do Egito, e não aceitaria mais suas cruéis superstições; e então ele expulsa isso , com suas idolatrias abomináveis, como coisas falsas e impuras."

De modo que, embora o Antigo Testamento fale de dez mil coisas de pequena importância, não contém uma

sílaba nem um sussurro do que deveria ter sido dito antes de tudo e acima de tudo e continuamente. Não se diz que ninguém tenha ido a um lugar como agora é denotado pela palavra Inferno, ou que esteja indo para lá, ou seja salvo dele, ou exposto a ele. Dizer que o Inferno ensinado pelos cristãos parcialistas existia antes de Cristo é acusar Deus de ter permitido que os seus filhos, durante quatro mil anos, caíssem nele aos milhões, sem uma palavra de aviso da sua parte. A Terra era um caminho florido, escondendo armadilhas em chamas infinitas, e Deus nunca disse uma palavra a nenhum de seus filhos sobre isso. Durante quatro mil anos a raça prosseguiu sem conhecimento de um lugar de tormento após a morte. Quando o fato foi divulgado pela primeira vez? E se não era necessário para as pessoas mais perversas que o mundo já conheceu, quando se tornou necessário?

O mundo futuro revelado no Antigo Testamento é uma existência consciente nunca descrita como um lugar ou estado de punição. O professor Stuart bem a

chama de "a região da umbra ou de fantasmas. Era considerada como um vasto e amplo domínio ou região da qual a sepultura era apenas uma parte ou uma espécie de entrada. Parece ter sido considerada como se estendendo profundamente descendo para a terra, até os abismos mais baixos. Nesta região sem limites viviam e às vezes se moviam os fantasmas de amigos que partiram.

Bispo Lowth: “No submundo dos hebreus há algo peculiarmente grandioso e terrível. Era uma região imensa, um vasto reino subterrâneo, envolvido em densas trevas cheias de vales profundos, e fechado por portões fortes; não havia possibilidade de fuga. Para lá, hostes inteiras de homens caíram de uma só vez; heróis e exércitos com seus troféus de vitória; reis e seu povo foram encontrados lá, onde tinham uma espécie de existência sombria como crinas ou fantasmas, nem inteiramente espirituais nem inteiramente materiais, engajados nas ocupações de sua vida terrena, embora destituídos de força e substância física”. Tudo era

sombrio e irreal além da morte até que Cristo veio e trouxe à luz a imortalidade através do seu Evangelho.

Whitby em Atos 2:27: “Aquele *Sheol* em todo o Antigo Testamento, e Hades na Septuaginta, respondendo a ele, significam não o lugar de punição, ou apenas das almas dos homens maus, mas simplemente a sepultura, ou o lugar da morte, aparece primeiro da sua raiz, *Sheol,* que significa pedir, desejar e exigir. Segundo, porque é o lugar para onde vão tanto os bons quanto os maus, etc.

11. Ideias pagãs do Inferno

Durante todo o tempo em que gerações após gerações de judeus nutriram as idéias ensinadas nessas sessenta e quatro passagens, os pagãos circundantes acreditaram no tormento futuro *e sem fim.* A literatura está cheia disso. Diz Good em seu “Livro da Natureza”: “Acreditava-se na maioria dos países ‘que este Inferno, Hades, ou mundo invisível, está dividido

em duas regiões muito distintas e opostas, por um abismo amplo e intransponível; que uma é um sede da felicidade, um paraíso ou elísio, e a outra sede da miséria, uma *Gehenna* ou *Tártaro;* e que existe um magistrado supremo e um tribunal imparcial pertencente às sombras infernais, diante do qual os espíritos devem aparecer, e pelo qual eles são condenados a um ou outro, de acordo com as ações praticadas no corpo. Diz-se que o Egito foi o inventor desta parte importante e valiosa da tradição; e, sem dúvida, pode ser encontrado nos primeiros registros da história egípcia.' [Deve-se observar que a *Gehenna* não foi usada antes de Cristo, ou até 150 d.C. para denotar um lugar de punição futura."]

Homero canta:

"Aqui em uma terra solitária, celas sombrias,
A nação escura da Ciméria habita;
O sol nunca vê os assentos desconfortáveis,
Quando radiante ele avança ou se retira.
Raça infeliz! A quem a noite sem fim invade,
Nubla o ar sem brisa, a eles envolve e cobre em sombras."

Virgílio diz:

"Os portões do Inferno estão abertos noite e dia; sua descida é suave e o caminho é fácil." Bem no portão, e nas mandíbulas do Inferno, Cuidados Vingativos e Tristezas taciturnas habitam, E Doenças pálidas, e a Idade, a Necessidade, o Medo e a raiva não resistida da Fome; Aqui Trabalha, e a Morte, e o meio-irmão da Morte, Formas de Sono terríveis de se ver, sua sentinela; Com prazeres ansiosos de uma mente culpada, Fraudes Profundas antes, e Força aberta atrás; As camas de ferro das Fúrias; e Conflito, que sacode Suas tranças sibilantes e desdobra suas cobras. Bem no meio desta estrada infernal, Um olmo exibe seus braços escuros; - O deus do sono ali repousa sua cabeça pesada; E sonhos vazios em cada folha estão espalhados. De várias formas mais incontáveis espectros, Centauros, e formas duplas, cercam a porta. Diante da passagem está a horrível Hydra, E Briarius com suas cem mãos; Górgonas,

Geryon com sua estrutura de tripa; E a vaidosa Quimera vomita chamas vazias."

Dr. Anthon diz: "No que diz respeito à analogia entre o termo *Hades* e nossa palavra inglesa *Hell* (Inferno), pode-se observar que o último (*Hell*), em sua significação primitiva, correspondia perfeitamente ao primeiro (*Hades*). Pois, a princípio, denotava apenas o que era *secreto ou oculto;* e é encontrado, além disso, com pouca variação de forma e precisamente com o mesmo significado em todos os dialetos teutônicos. Os mortos, sem distinção de bem ou mal, bom ou mau, idade ou posição, vagam por lá conversando sobre seu estado anterior na terra; eles são infelizes e sentem intensamente seu estado miserável. Eles não têm força ou poder de corpo ou mente. Nada pode ser mais sombrio e desconfortável do que todo o aspecto do reino de *Hades,* conforme retratado por Homero.

Os sábios pagãos admitem que inventaram a doutrina. Diz Políbio: “Como a multidão

é sempre inconstante, cheia de desejos sem lei, paixões irracionais e violência, não há outra maneira de mantê-la em ordem, a não ser pelo medo e terror do mundo invisível; razão pela qual nossos ancestrais, me parece, agiram judiciosamente, quando conseguiram trazer para a crença popular essas noções dos deuses e das regiões infernais." B.vi. 56.

Estrabão (Strabo) diz: “A multidão é impedida de praticar o vício pelas punições que dizem que os deuses infligem aos infratores, e pelos terrores e ameaças que certas palavras terríveis e formas monstruosas imprimem em suas mentes. Pois é impossível governar a multidão de mulheres, e toda a ralé comum, pelo raciocínio filosófico, e levá-los à piedade, à santidade e à virtude - mas isso deve ser feito pela superstição, ou pelo medo dos deuses, por meio de fábulas e maravilhas; pois o trovão, a égide, o tridente, as tochas (das Fúrias), os dragões, etc., são todos fábulas, assim como toda a teologia antiga." Geo. B. I.

Sêneca diz: “Aquelas coisas que tornam terríveis as regiões infernais, as trevas, a prisão, o rio de fogo flamejante, o tribunal, etc., são todas uma fábula, com a qual os poetas se divertem, e com elas agitam-nos com terrores vãos." Quão perto desses horrores supersticiosos - essas invenções pagãs -

12. A ideia cristã do Inferno

A ideia cristã sobre o Inferno pode ser vista citando os seguintes descrições (N.T. *alguns* dos autores das descrições abaixo não acreditavam nelas, antes queriam mostrar o absurdo delas): Elas se parecem com alguma coisa no Antigo Testamento? Elas não copiam exatamente as descrições pagãs? De onde surgiu essas ideias? Elas não são encontrados no Antigo Testamento? E ainda assim o mundo estava cheio delas quando Cristo veio. Leia os versos de Pollok tão sinistro e blasfemo quanto vigoroso: (o original é rimado, o que dá um tom irônico)

Amplo era o lugar,

E profundo tão amplo, e ruinoso tão profundo.
Abaixo eu vi um lago de fogo ardente,
Com tempestades perpetuamente, e ainda
As ondas da escuridão ardente, contra as rochas
Da maldição sombria quebrou, e a música foi feita
Do tipo melancólico; e acima da cabeça,
E por toda parte, o vento guerreou com o vento, a tempestade uivou
Para tempestade, e relâmpagos bifurcados, cruzados,
E o trovão respondeu ao trovão, murmurando um som
De ira taciturna; e até onde a visão pudesse penetrar,
Ou descer em cavernas de profundidade desesperadora,
Através de toda aquela masmorra de fogo imperecível,
Vi os seres mais miseráveis caminharem,
Queimando continuamente, mas não consumidos;
Para sempre desperdiçando, mas ainda persistindo;
Morrendo perpetuamente, mas nunca morto.
Alguns vagaram sozinhos nas chamas do deserto,
E alguns em encontros caídos se encontraram ferozmente,
Com maldições em voz alta e blasfêmias, isso fez
A face da escuridão pálida; e enquanto eles lutavam,
E amaldiçoaram, e rangeram os dentes, e desejaram morrer
Seus olhos vazios emitiam torrentes de sofrimento.
E houve gemidos que não terminaram, e suspiros
Que sempre suspirou, e lágrimas que sempre chorou,
E já caiu, mas não à vista de Misericórdia
E tristeza, e arrependimento, e desespero,
Entre eles caminhavam, e aos seus lábios sedentos
Apresentava freqüentes cálices de fel ardente.

E enquanto eu ouvia, ouvi isso sendo uma maldição
Deus Todo-Poderoso, e amaldiçoe o Cordeiro, e amaldiçoe
A Terra, a manhã da Ressurreição, e busca,
E sempre busque em vão a morte total.
E para sua angústia eterna ainda,
Os trovões de cima respondendo falaram
Estas palavras, que atravessam as cavernas da perdição
Ecoando desesperadamente, caiu em todos os ouvidos
"Você conhecia seu dever, mas não o cumpriu"
* * *
O lugar que você viu foi o Inferno; os gemidos que você ouviu
Os lamentos dos condenados - daqueles que
Não são redimidos - e no dia do julgamento,
Há muito tempo atrás, os pecados sem arrependimento foram condenados.
Os sete fortes trovões que ouviste, declaram
A ira eterna do Deus Todo-Poderoso.
* * *
Lá na escuridão total, longe
Remoto, eu vi seres desamparados em "wo".
Queimando, continuamente, mas não consumidos.
E houve gemidos que não terminaram, e suspiros
Que sempre suspiraram, e lágrimas que sempre choraram
E sempre cairam, mas não aos olhos da Misericórdia;
E ainda ouvi esses seres miseráveis amaldiçoarem
Deus Todo-Poderoso, e amaldiçoe o Cordeiro, e amaldiçoe
A Terra, a manhã da Ressurreição, e busca,
E sempre busque em vão a morte total;
E lá de cima os trovões ainda responderam,

Tais descrições não se limitam à poesia. A prosa simples tem procurado *expor* a doutrina em palavras igualmente repulsivas e gráficas. Rutherford, em suas "Cartas Religiosas", declara que daqui em diante "Língua, pulmões e fígado, ossos e tudo mais ferverão e fritarão em um fogo torturante - um rio de fogo e enxofre, mais largo que a terra!"

Boston, em seu "Estado Quádruplo", diz: "Haverá tormentos universais, cada parte da criatura será atormentada naquela chama. nenhum membro intocado; que parte então pode ficar tranquila quando o maldito pecador está em um lago de fogo, queimando com enxofre?"

Buckle, em sua "Civilização na Inglaterra", resume assim a doutrina popular: "Nos desenhos que desenharam, eles reproduziram e realçaram as imagens bárbaras de uma época bárbara. e pendurados pelas línguas. Eles seriam açoitados e picados por escorpiões e ver

seus companheiros se contorcendo e uivando ao seu redor. Eles seriam jogados em óleo fervente e chumbo escaldante. Um rio de enxofre mais largo que a terra foi preparado para eles; nele eles seriam imersos. Tais eram os primeiros estágios do sofrimento e eram apenas os primeiros. Porque a tortura , além de ser incessante, tinha que ir piorando gradativamente, tão refinada era a crueldade que um Inferno era sucedido por outro; e, para que o sofredor não se tornasse insensível, ele era, depois de um tempo, movido, para que pudesse sofrer novas agonias em novos lugares, tomando providências para que o tormento não enfraquecesse os sentidos, mas deveria ser variado em seu caráter, bem como eterno em sua duração.

"Tudo isso foi obra do Deus do clero escocês. Não foi apenas sua obra, foi sua alegria e seu orgulho. Pois, segundo eles, o Inferno foi criado antes que o homem entrasse no mundo; o Todo-Poderoso, eles não tiveram escrúpulos em dizer, gastou seu tempo livre preparando e

completando este local de tortura, para que quando a raça humana aparecesse, ele pudesse estar pronto para sua recepção. Amplos, porém, como os arranjos eram, eles eram insuficientes; e o Inferno não sendo grande o suficiente para conter as inúmeras vítimas incessantemente despejadas nele, havia sido nestes últimos dias, ampliado. Mas naquela vasta extensão não havia vazio, pois tudo reverberava com os gritos e berros de agonia imorredoura. Ambos filhos e pais faziam o Inferno ecoar com seus gritos penetrantes, contorcendo-se em agonia convulsiva diante dos tormentos que sofriam, e sabendo que outros tormentos ainda mais graves estavam reservados para eles." E não foi um Diabo infinito, mas um Deus justo e misericordioso que foi acusado de ter cometido toda esta crueldade infernal.

O Juízo Final de Miguel Ângelo é uma tentativa de descrever em pintura o que se acreditava então e tem sido crido assim durante séculos. Henry Ward Beecher refere-se assim a essa grande pintura.

(Plymouth Pulpit, 29 de outubro de 1870): "Que qualquer um olhe para isso; que qualquer um veja as enormes e gigantescas espirais de demônios e homens; que qualquer um olhe para o Cristo desafiador que permanece como um atleta soberbo na frente, expulsando de si seus inimigos e chamando seus amigos para si, como Hércules poderia ter feito; que qualquer um olhe para aquela horrível massa contorcida que mergulha através de serpentes aéreas e de homens e animais de toda espécie nauseante, misturados; deixe-o olhar nas partes inferiores da imagem, onde com os forcados os homens são lançados por demônios em caldeirões e em fogueiras ardentes, onde demônios odiosos estão roendo os crânios de pecadores sofredores, e onde há um canibalismo infernal acontecendo - deixe um homem olhar para aquela imagem e as cenas que ela retrata, e ele verá quais eram as idéias que os homens uma vez tiveram do Inferno e da justiça divina. Era um pesadelo tão hediondo quanto já foi gerado pela própria ninhada infernal; e foi

uma calúnia atroz contra Deus... Não me admira que os homens tenham reagido a esses horrores - eu os honro por isso."

Tertuliano diz: “Como admirarei, como rirei, como me regozijarei, como exultarei, quando contemplar tantos monarcas orgulhosos gemendo no mais profundo abismo das trevas; tantos magistrados liquefazendo-se em chamas mais ferozes do que jamais acenderam contra os cristãos; tantos sábios filósofos corando em meio a chamas incandescentes com suas pupilas iludidas; tantos trágicos mais melodiosos na expressão de seus próprios sofrimentos; tantos dançarinos tropeçando mais agilmente de angústia do que nunca sob aplausos."

Jeremy Taylor, da Igreja Inglesa, diz: “Os corpos dos condenados serão amontoados no inferno, como uvas num lagar, que pressionam umas às outras até estourarem; cada sentido e órgão distinto será assaltado com seus próprios sofrimentos apropriados e mais requintados."

Calvino descreve isso: “Para sempre assediados por uma terrível tempestade, eles se sentirão dilacerados por um Deus irado, e paralisados e penetrados por aguilhões mortais, aterrorizados pelos raios de Deus, e quebrados pelo peso desta mão, de modo que para afundar em qualquer abismo seria mais tolerável do que permanecer por um momento nestes terrores."

Jonathan Edwards disse: “O mundo provavelmente será convertido em um grande lago ou globo líquido de fogo, no qual os ímpios serão esmagados, estarão sempre em uma tempestade, na qual serão jogados de um lado para o outro, sem ter descanso de dia ou noite, vastas ondas e vagas de fogo rolando continuamente sobre suas cabeças, das quais eles estarão para sempre cheios de uma nítida percepção interna e externa; suas cabeças, seus olhos, suas línguas, suas mãos, seus pés, seus lombos e seus órgãos vitais, estarão para sempre cheios de um fogo fluindo e derretido, forte o

suficiente para derreter as próprias rochas e elementos; e, também, eles estarão eternamente cheios do sentido mais eficaz e vivo para sentir os tormentos; não por um minuto, não por um dia, não por uma era, não por duas eras, não por cem eras, nem por dez bilhões de milhões de eras, uma após a outra, mas para todo o sempre, sem fim algum, e para nunca mais ser libertado."

E Spurgeon usa esta linguagem até mesmo em nossos dias: “Quando você morrer, sua alma será atormentada sozinha: isso será um inferno para a alma, mas no dia do julgamento seu corpo se unirá à sua alma, e então você terá infernos gêmeos, tua alma suando gotas de sangue, e teu corpo cheio de agonia. No fogo exatamente como aquele que temos na terra, teu corpo jazerá, como amianto, para sempre não consumido, todas as tuas veias estradas para a dor viajar para os pés, cada nervo é uma corda na qual o diabo tocará para sempre sua melodia diabólica do Lamento Indizível do Inferno.

“Um Livro Católico para Crianças” diz: “A quinta masmorra é um forno em brasa no qual está uma criança. Ouça como ela grita para sair! veja como ela gira e se contorce no fogo! Ela bate a cabeça contra o teto do forno. Ela bate seus pezinhos no chão do forno. Para esta criança Deus foi muito bom. Muito provavelmente Deus viu que esta criança ficaria cada vez pior, e nunca se arrependeria, e então teria que ser punida muito pior no Inferno. Então Deus, em sua misericórdia, a chamou para fora do mundo em sua primeira infância.

Ora, as ideias horríveis que acabamos de citar não foram obtidas no Antigo Testamento e, ainda assim, eram plenamente acreditadas pelos judeus e pelos pagãos quando Cristo veio. De onde vieram essas opiniões? Se o Novo Testamento os ensina, então Cristo deve tê-los emprestado de pagãos não inspirados. O que o Novo Testamento ensina sobre o Inferno?

Em poucos anos, os cristãos e, geral abandonaram a sua fé nos tormentos materiais e os substituíram pela angústia mental e pela tortura espiritual. Mas o tormento, a angústia, o horror e a agonia são apenas vagamente sugeridos por qualquer efeito possível do fogo literal. A modificação da opinião do fogo literal para a angústia espiritual não traz alívio ao caráter de Deus e torna o inferno "ortodoxo" não menos revoltante para todo sentimento justo e misericordioso no coração humano, não menos desonroso para Deus. É uma desgraça indescritível para milhões, sem alívio e sem fim, infligida por um ser chamado Deus, ordenado por ele desde a fundação do mundo, para aqueles que ele previu, antes de seu nascimento, inevitavelmente sofreriam essa desgraça, se ele consentisse em seu nascimento , obrigando seus miseráveis filhos a chorar por eras intermináveis. Na linguagem dos Jovens (Pensamentos Noturnos):

"Pai das Misericórdias! por que da terra silenciosa
Tu acordaste e me amaldiçoaste com o nascimento,

Arranca-me do silêncio, bane-me da noite,
E faz com que um presente ingrato de Tua luz,
Empurra para ser um reverso de Ti
E anima um coágulo com miséria?

Esta pergunta nunca pode ser respondida. Bons homens tateando no eclipse da fé criado pela falsa doutrina de um Inferno sem fim, tentaram em vão ver ou explicar a razão disso. Albert Barnes, (presbiteriano), expressa o pensamento real de milhões, quando diz: "Que quem quer que seja poderia sofrer para sempre, permanecendo em desespero sem esperança, e rolando em meio a tormentos infinitos, sem a possibilidade de alívio e sem fim; que, visto que Deus pode salvar os homens e salvará uma parte, ele não propôs salvar todos - essas são dificuldades reais, não imaginárias. ... Toda a minha alma anseia por luz e alívio nessas questões. Mas não entendo nenhum dos dois; e no desassossego e angústia do meu próprio espírito, confesso que não vejo luz alguma. Não vejo nenhum raio que me revele por que o pecado entrou no mundo; por que a terra

está repleta de moribundos e mortos; e por que o homem deve sofrer por toda a eternidade. Nunca vi uma partícula de luz lançada sobre esses assuntos que tenha proporcionado um momento de tranquilidade à minha alma torturada. ... Confesso, quando olho para um mundo de pecadores e sofredores - em leitos de morte e cemitérios - para um mundo de miséria cheio de hostes a sofrer para sempre: quando vejo meus amigos, minha família, meu povo, meus companheiros cidadãos quando olho para uma raça inteira, todos envolvidos neste pecado e perigo - e quando vejo a grande massa deles totalmente despreocupada, e quando sinto que só Deus pode salvá-los, e ainda assim ele não o faz, fico estático e mudo. Está tudo escuro, escuro, escuro dentro da minha alma, e não consigo disfarçar."

13. Hades no Novo Testamento

A palavra *Hades* ocorre apenas onze vezes no Novo Testamento e é traduzida como

Inferno dez vezes e como sepultura uma vez. A palavra vem de ‘a’ (alfa), significando *não* e ‘eido’, *ver,* as duas juntas significa *oculto, invisível* (α+εἴδω, G1+G1492). Tem exatamente o mesmo significado que *Sheol,* literalmente a sepultura, ou morte, e figurativamente destruição, queda, calamidade ou punição neste mundo, sem qualquer indicação de tormento ou punição além da sepultura. Esse é o significado de cada passagem do Antigo Testamento que contém a palavra *Sheol* ou *Hades,* quer seja traduzida como Inferno, sepultura ou cova. Esse é o significado invariável de *Hades* no Novo Testamento. Diz o “Emphatic Diaglott:” “Traduzir *Hades* com a palavra Hell (Inferno), como é feito dez entre onze vezes no Novo Testamento, é muito impróprio, a menos que tenha o significado saxão de *helan,* cobrir, anexado a ele. O significado primitivo de *Hell* (Inferno), denotando apenas o que era secreto ou oculto, corresponde perfeitamente ao termo grego *Hades* e seu equivalente *Sheol,* mas a definição teológica que lhe é dada atualmente não o

expressa de forma alguma.

14. Significado de Hades

A Septuaginta grega, que nosso Senhor usou quando leu ou citou o Antigo Testamento, dá *Hades* como o equivalente exato do *Sheol* hebraico, e quando o Salvador, ou seus apóstolos, usam a palavra, eles devem querer dizer o mesmo que significava. no Antigo Testamento. Quando *Hades* é usado no Novo Testamento, devemos entendê-lo exatamente como o fazemos (*Sheol* ou *Hades*) no Antigo Testamento.

15. Opiniões de estudiosos

O Dr. Campbell diz bem: * * "Em minha opinião, *nunca* deveria nas Escrituras ser traduzido como Inferno, pelo menos no sentido em que essa palavra é agora universalmente entendida pelos cristãos.

No Antigo Testamento, a palavra correspondente é *Sheol,* que significa o

estado dos mortos em geral, independentemente da bondade ou maldade das pessoas, da sua felicidade ou miséria. Ao traduzir essa palavra, os setenta usaram quase invariavelmente *Hades*. * * É muito claro que nem na versão Septuaginta do Antigo Testamento, nem no Novo, a palavra *Hades* transmite o significado que a atual palavra inglesa *Hell* (Inferno), no uso cristão, sempre transmite às nossas mentes. Diss. Vi., pág. 180-181.

Donnegan o define assim: “Invisível, não manifesto, oculto, escuro, incerto.”-Lex. pág. 19.

Le Clere afirma que “nem *Hades* nem *Sheol* jamais significam na Sagrada Escritura a morada dos espíritos malignos, mas apenas o sepulcro, ou o estado dos mortos”.

16. Corrupções pagãs

Não se deve esquecer que o contato com

os pagãos, na época de nosso Salvador, corrompeu as opiniões dos judeus, da simplicidade de Moisés, e que ao receberem as tradições e fábulas do paganismo, eles anularam a palavra de Deus. Eles aceitaram *Hades* como a melhor palavra grega para transmitir sua ideia de *Sheol,* mas sem investi-la inicialmente com as noções pagãs do clássico *Hades,* como fizeram depois. Quais eram essas ideias, nos informam os autores clássicos. "Os judeus adquiriram na Babilônia um grande número de noções orientais, e suas opiniões teológicas sofreram grandes mudanças por meio dessa relação. Encontramos em Eclesiastes e na Sabedoria de Salomão, e nos profetas posteriores, noções desconhecidas pelos judeus antes do cativeiro babilônico, que são manifestamente derivados dos orientais. Assim, Deus representado sob a imagem da luz, e o princípio do mal sob a das trevas; a história dos anjos bons e maus; o paraíso e o inferno, etc., são doutrinas das quais a origem , ou pelo menos a credibilidade, só pode ser referida à

filosofia oriental." (Gibbon, por Milman, capítulo 21)

Thayer, em seu livro “Origem e História”, diz: “O processo é facilmente compreendido. Cerca de trezentos e trinta anos antes de Cristo, Alexandre, o Grande, havia submetido ao seu governo toda a Ásia Ocidental, incluindo a Judéia, e também o reino do Egito. Logo depois ele fundou Alexandria, que rapidamente se tornou uma grande metrópole comercial, e atraiu para si uma grande multidão de judeus, que estavam sempre ansiosos para melhorar as oportunidades de transporte de mercadorias e comércio. Alguns anos depois, Ptolomeu Soter tomou Jerusalém, e levou cem mil deles para o Egito. Aqui, é claro, eles estavam em contato diário com egípcios e gregos, e gradualmente começaram a adotar suas opiniões filosóficas e religiosas, ou a modificar as suas próprias em harmonia com elas.

“Para qualquer lado que se voltassem”, diz o *Expositor Universalista,* “os judeus entraram em contato com os gregos e com

a filosofia grega, sob uma modificação ou outra. Estava ao redor deles e entre eles; pois pequenos grupos desse povo foram espalhados pelos seus próprios territórios, bem como pelas províncias vizinhas. As ideias gregas e egípcias insinuaram-se muito lentamente no início; mas influenciando-os de todos os lados, e operando de era em era, misturou-se lentamente em todos os seus pontos de vista, e no ano 150 antes Cristo, já havia uma mudança visível em suas noções e hábitos de pensamento."

Devemos rejeitar estas ideias importadas, como invenções pagãs, ou devemos admitir que os pagãos, séculos antes de Cristo, descobriram aquilo que Moisés não tinha ideia. Em outras palavras, ou os homens não inspirados anunciaram o destino futuro dos pecadores, séculos antes que os homens inspirados soubessem alguma coisa sobre isso, ou as descrições pagãs ou “evangélicas” do Inferno são totalmente falsas.

17. Opiniões judaicas e pagãs

Na época do advento de Cristo, judeus e pagãos consideravam o *Hades* um lugar de tormento após a morte que duraria para sempre.

"A opinião prevalecente e distinta era que a alma sobreviveria ao corpo, que as almas viciosas sofreriam uma prisão eterna no *Hades*, e que as almas dos virtuosos seriam felizes lá e, com o passar do tempo, obteriam o privilégio de transmigrar para outros corpos." * * * (Quatro Evangelhos de Campbell, Diss. 6, Pt. 2 e 19.) Dos fariseus, Josefo diz: "Eles também acreditam que as almas têm um vigor imortal nelas, e que, sob a terra, haverá recompensas e punições, conforme viveram virtuosamente ou viciosamente nesta vida; e os últimos serão detidos em uma prisão eterna, mas os primeiros terão poder para reviver e viver novamente." (Antiguidades, B. 18, Cap. 1, 3. Whiston's Tr.)

Essas doutrinas não são encontradas no

Antigo Testamento. Elas são de origem pagã. Jesus as endossou? Consultemos todos os textos em que ele empregou a palavra pagã *Hades*.

18. Cidades lançadas no Hades

Mat. 11:23 e Lucas 10:15: "E tu, Cafarnaum, que és exaltada até o céu, serás derrubada ao inferno." "E tu, Cafarnaum, que és exaltada ao céu, serás lançada no inferno." É claro que uma cidade nunca foi para um lugar de tormento após a morte. A palavra é usada aqui assim como em Isa. 14, onde se diz que Babilônia foi levada ao Sheol ou *Hades*, para denotar degradação, derrubada, uma predição cumprida ao pé da letra. A interpretação do Dr. Clarke está correta: "A palavra aqui significa um estado de extrema miséria, ruína e desolação, ao qual essas cidades impenitentes deveriam ser reduzidas. Esta predição de nosso Senhor foi literalmente cumprida; pois, nas guerras entre os romanos e judeus, estas cidades foram

totalmente destruídas; de modo que agora não são encontrados vestígios de Betsaida, Corazim ou Cafarnaum.”

19. Jesus foi para o Hades

Que o *Hades* é o reino da morte, e não um lugar de tormento, após a morte, é evidente na linguagem de Atos 2:27: “Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção. " Versículo 31: “A sua alma não foi deixada no inferno, nem a sua carne viu a corrupção”, ou seja, o seu espírito não permaneceu no estado de morto, até que o seu corpo se decompôs. Ninguém supõe que Jesus foi para um reino de tormento quando morreu. Jacó desejava descer ao *Hades* para ver o luto de seu filho, então Jesus foi ao *Hades*, o submundo, o túmulo. O Credo Apostólico transmite a mesma ideia, quando fala de Jesus descendo ao Inferno. Ele morreu, mas sua alma não foi deixada no reino da morte, é o significado.

20. As Portas do Hades

Mat. 14:18 "E eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela." A palavra é usada aqui como um emblema de destruição. “As portas do *Hades*” significa os poderes de destruição. É a maneira do Salvador dizer que sua igreja não pode ser destruída.

21. Hades está na Terra

Apocalipse 6: 8: "E olhei, e eis um cavalo amarelo (cloro=verde); e o que estava montado nele chamava-se Morte, e o *inferno* seguia com ele. E foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar com espada, e com a fome, e com a morte, e com as feras da terra”. Todos os detalhes desta descrição demonstram que o Inferno está na terra, e não no mundo futuro.

A palavra também ocorre em Apocalipse

1:18: “Eu sou o que vivo e estive morto; e eis que estou vivo para todo o sempre, Amém; e tenho as chaves do inferno e da morte”. Compreender esta passagem literalmente, acrescentando a visão popular do Inferno, seria representar Jesus como o guardião da porta do Diabo. Se o Inferno é um reino de tormento, e o diabo é o seu rei, e Jesus guarda as chaves, o que é ele senão o zelador do diabo, com chave na mão? A ideia é que Jesus desafia a morte e a sepultura, o mal, a destruição e tudo o que é denotado literal ou figurativamente por *Hades*, o submundo. Seus portões se abrem para ele.

Cannon Farrar, em Excursus II, “Eternal Hope”, observa: “O inferno mudou completamente seu antigo sentido inofensivo de ‘o obscuro submundo’, e isso, significando como o faz, para miríades de leitores, ‘um lugar de intermináveis tormentos pelo fogo material no qual todas as almas impenitentes passam para sempre após a morte' - transmite significados que não

podem ser encontrados em nenhuma palavra do Antigo ou do Novo Testamento para a qual é apresentado como equivalente. Na linguagem de nosso Senhor, Cafarnaum deveria ser ser lançado, não “para o Inferno”, mas para o silêncio e a desolação da sepultura (*Hades*); a promessa de que “as portas do *Hades*” não deveriam prevalecer contra a igreja é talvez uma implicação distinta de seu triunfo mesmo além da morte em as almas dos homens por quem ele morreu; Dives (N.T. o rico na parábola) ergue seus olhos não 'no Inferno', mas no *Hades* intermediário onde ele espera até a ressurreição para um julgamento, no qual não faltam sinais de que sua alma pode ter sido entretanto enobrecida e purificada ."

22. Hades destruído

1ºCor. 15:55: "Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?" Isto é paralelo a Hos. 14:14, onde a destruição do *Hades* é profetizada. Seja lá o que *Hades* signifique, não durará para

sempre. Está destinado a ser destruído. Não pode ser um tormento sem fim. Que seus habitantes serão libertados de seu domínio, é visto em Apocalipse 20:13: "E a morte e o inferno entregaram os mortos que neles havia." Isto se harmoniza com a declaração de Davi, de que ele já havia sido libertado dela. (Salmos 30:3; 2ºSam. 22:5,6). Não retém sempre as suas vítimas e, portanto, seja o que for que isso signifique, não denota uma prisão sem fim. Portanto, o próximo versículo diz: “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo”. Pode ser dada uma descrição mais impressionante da destruição total do que esta? É claro que a linguagem é toda figurativa e não literal. Inferno aqui denota o mal e suas consequências. É neste mundo que se opõe à verdade e à felicidade humana, mas encontrará uma destruição tão completa que apenas um fogo pode indicar o caráter de sua destruição.

Diz o Prof. Stuart: “O rei do *Hades*, e o próprio *Hades*, isto é, a região ou domínios da morte, são representados

como lançados no lago ardente. a morte do tirano, e seus domínios junto com ele, são representados como lançados no lago ardente, como objetos de aversão e de indignação. Eles não devem mais exercer qualquer poder sobre a raça humana. Ex. Es. pág. 133.

'E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão; O homem rico também morreu e foi enterrado; e no Inferno (*Hades*) levantou os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. experiências pós-morte de duas pessoas, então os bons são carregados no seio de Abraão; e os ímpios são realmente assados no fogo e clamam por água para refrescar suas línguas ressecadas. Se estes são figurativos, então Abraão, Lázaro, Dives (o rico) e o abismo e cada parte do relato são características de uma imagem, de uma *alegoria,* tanto quanto o fogo e o seio de Abraão. Se for história, então os bons são obrigados a ouvir os apelos dos condenados por aquela ajuda que não podem conceder! Eles estão tão próximos

que podem conversar através do abismo, não amplo, mas profundo. Foi esta opinião que levou Jonathan Edwards a ensinar que a visão das agonias dos condenados aumenta as alegrias dos abençoados!

23. É uma parábola

1. A história (o rico e Lázaro) não é um fato, mas uma ficção: por outras palavras, uma parábola. Isto é negado por alguns cristãos que perguntam: Nosso Salvador não disse: "Havia um certo homem rico?" etc. É verdade, mas todas as suas parábolas começam da mesma maneira: "Um certo homem rico tinha dois filhos: e coisas semelhantes.

Em Juízes 9, lemos: "As árvores saíram, uma vez, para ungir um rei sobre elas, e disseram à oliveira: reina sobre nós". Esta linguagem é positiva, mas descreve algo que nunca poderia ter ocorrido. Todas as fábulas, parábolas e outros relatos fictícios relacionados para ilustrar verdades importantes têm esta forma

positiva, para dar força, sentido e semelhança com a vida às lições que inculcam.

Whitby diz: “Que esta é apenas uma parábola e não uma história real do que realmente foi feito, é evidente pelas circunstâncias, a saber, o homem rico erguendo os olhos no Inferno e vendo Lázaro no seio de Abraão, seu discurso com Abraão, sua reclamação de ser atormentado pelas chamas e seu desejo de que Lázaro fosse enviado para esfriar sua língua, e se tudo isso é confessadamente uma parábola, por que o resto deveria ser considerado história?" Lightfoot e Hammond fazem os mesmos comentários gerais, e Wakefield observa: “Para aqueles que consideram a narrativa uma realidade, ela deve permanecer como um argumento irrespondível a favor do purgatório dos papistas”.

Ocorre no final de uma cadeia de parábolas. O Salvador ilustrava vários princípios por meio de alegorias ou parábolas conhecidas. Ele exibiu os

murmúrios injustificáveis dos fariseus, nas histórias da ovelha perdida e da peça de prata perdida, e a parábola que começa no capítulo dezesseis de Lucas foi dirigida aos escribas e fariseus, sendo essa classe de judeus representada pelo Administrador Injusto. Eles haviam sido infiéis e seu Senhor logo os dispensaria. O relato diz: "E também os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas estas coisas e zombavam dele" '(Luc. 16:14), mostrando, inequivocamente, que sentiam a força e o poder de suas referências.

Ele continuou a ilustrar suas doutrinas e deu-lhes uma notável persuasão por meio de suas belas e impressionantes histórias. Ele então começou esta parábola com o objetivo não de relatar um incidente real, mas de expor certas verdades por meio de uma história. É claramente absurdo dizer que ele saiu imediatamente do modo figurativo de instrução ao qual sempre se entregava, para uma exibição literal do mundo eterno, e sem qualquer aviso de sua mudança no modo de expressão, de forma literal levantar o véu que separa

esta vida da futura! Ele não estava acostumado a ensinar dessa maneira.

E isso nos leva a outra prova de que se trata de uma parábola. Os judeus têm um livro, escrito durante o cativeiro babilônico, intitulado *Gemara Babylonicum,* contendo doutrinas defendidas pelos pagãos a respeito do estado futuro não reconhecido pelos seguidores de Moisés. Esta história é baseada em pontos de vista pagãos. Eles não foram obtidos na Bíblia, pois o Antigo Testamento não contém nada que se assemelhe a eles. Elas estavam entre aquelas tradições que nosso Salvador condenou quando disse aos escribas e fariseus: “Vós tornais sem efeito a palavra de Deus por meio de vossas tradições”, e quando ele disse aos seus discípulos: “Cuidado com o fermento, ou doutrina dos Fariseus."

Nosso Salvador aproveitou a imagem desta história, não para endossar sua verdade, mas assim como relatamos agora qualquer outra fábula. Ele a relatou

conforme encontrada na Gemara, não por causa da história, mas para transmitir uma moral aos seus ouvintes; e os escribas e fariseus a quem ele dirigiu esta e as cinco histórias anteriores sentiram - como veremos - a força de sua aplicação a eles.

Diz o Dr. Campbell: "Os judeus, de fato, não adotaram as fábulas pagãs sobre esse assunto, nem se expressaram inteiramente da mesma maneira; mas a linha geral de pensamento em ambos veio praticamente a coincidir. O *Hades* grego que eles encontraram bem adaptado para expressar o *Sheol* hebraico. Eles passaram a concebê-lo como incluindo diferentes tipos de habitações, para fantasmas de diferentes personagens. Agora, como nada parecido com esta parábola é encontrado no Antigo Testamento, onde os judeus a obtiveram, senão dos pagãos?

O comentarista, Macknight, Presbiteriano Escocês, diz verdadeiramente: “Deve-se reconhecer que as descrições de nosso Senhor não são extraídas dos escritos do

Antigo Testamento, mas têm uma afinidade notável com as descrições que os poetas gregos deram. dos bem-aventurados como estando contíguos à região dos condenados, e separados apenas por um grande abismo intransponível de tal forma que os espíritos ou fantasmas poderiam conversar uns com os outros de suas margens opostas. Se a partir dessas semelhanças se pensa que a parábola é baseada na mitologia grega, não se seguirá de forma alguma que nosso Senhor aprovasse o que as pessoas comuns pensavam ou falavam sobre esses assuntos, de acordo com as noções dos gregos. Nas parábolas, desde que as doutrinas inculcadas sejam estritamente verdadeiras, os termos em que são inculcadas podem ser aquelas que são mais familiares para as pessoas, e as imagens utilizadas são aquelas com as quais elas estão mais familiarizadas."

24. Não ensina Tormento Sem Fim

Mas se fosse uma história literal, nada é dito que favoreça a terrível doutrina do tormento sem fim. Nos obrigaria a acreditar no fogo literal após a morte, mas não há uma palavra que mostre que tal fogo seria infinito. Ouvimos dizer que o castigo do homem rico deve ser interminável, porque havia um abismo (χασμα μεγα, grande brecha, lacuna, vazio, abismo) entre os condenados e os salvos de modo que não se podia atravessá-lo nem num sentido nem no outro. Mas mesmo se este fosse um relato literal, não se seguiria que o abismo duraria para sempre.

Pois não temos certeza de que está chegando o tempo em que "todo vale será exaltado, e todo monte e todo outeiro serão abatidos?" Isa. 40:4. Quando todo vale é exaltado, o que acontece com o grande abismo? E então o vale é exaltado o que indica fim da duração dos sofrimentos do rico. Se o relato for uma história, não milita contra a promessa da “restituição de todas as coisas faladas pela boca de todos os santos profetas de

Deus desde o princípio do mundo”. Não há uma palavra que indique que o tormento do homem rico nunca cessaria. Afinal, a doutrina da miséria sem fim não é ensinada aqui. O máximo que pode ser afirmado é que as consequências do pecado se estendem à vida futura, e essa é uma doutrina na qual acreditamos tão fortemente quanto qualquer um, embora não acreditemos que serão infinitas, nem acreditemos na doutrina ensinada usando esta parábola, nem que a Bíblia usa a palavra *Inferno* (tal como é entendida hoje).

Mas admitindo por um momento que isto pretende representar uma cena no mundo espiritual, que representação temos! Dives (o rico) está morando em um mundo de fogo na companhia de espíritos perdidos, endurecidos pela depravação que deve possuir os residentes daquele mundo, e ainda assim ansiando por compaixão por aqueles que estão na terra. Não totalmente depravado, não abrigando maus pensamentos, mas benevolente e humano. Em vez de ser leal ao mundo

perverso em que vive, como qualquer pessoa ruim o suficiente para ir para lá deveria ser, ele na verdade tenta impedir a migração da terra para lá, enquanto Lázaro é totalmente indiferente a todos, exceto a si mesmo. Dives parece ter mais misericórdia e compaixão do que Lázaro.

(N.T.) Abraão diz que o sofrimento do rico no *Inferno* é comparável ao de Lázaro na Terra. Não parece que Abraão acreditava que o do rico seria *sem fim* para fazer esta comparação.
Obs. O nome Dives não é dado na parábola. É que "dives" significa "rico" em latim e então tornou-se costume se referir ao rico como Dives.

25. O Ensino da Parábola

Mas o que a parábola ensina? Que a nação judaica, e especialmente os escribas e fariseus, estavam prestes a morrer como poder, como igreja, como influência controladora no mundo; enquanto as pessoas comuns entre eles e os gentios

fora deles seriam exaltados na nova ordem de coisas. Os detalhes da parábola mostram isso: “Havia um certo homem rico vestido de púrpura e linho fino”. Nestas primeiras palavras, ao descrever o seu próprio traje, o Salvador fixou a atenção dos seus ouvintes no sacerdócio judaico. Eles eram enfaticamente os homens ricos daquela nação. Sua descrição do mendigo foi igualmente gráfica. Deitava-se à porta dos ricos, pedindo apenas para ser alimentado pelas migalhas que caíam da mesa. Assim, dependentes eram as pessoas comuns e os gentios dos escribas e fariseus. Lembramos como Cristo uma vez os repreendeu por fecharem o reino dos céus contra eles. Eles estavam no portão da hierarquia judaica. Pois os gentios estavam literalmente restritos ao átrio externo do templo. Portanto, em Apocalipse 11:12 lemos: “Mas o átrio, que está fora do templo, deixe-o de lado e não o meça, porque é dado aos gentios”. Eles só podiam caminhar pelo pátio externo ou deitar-se no portão. Lembramo-nos da ira dos judeus contra Paulo, por permitir que

os gregos entrassem no templo. Este é o significado da linguagem da mulher cananeia, Mateus. 15:27, que desejava que o Salvador curasse sua filha. O Salvador, para testar sua fé, disse: Não é adequado lançar o pão dos filhos aos cachorrinhos." Ela respondeu: "É verdade, Senhor, mas os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus senhores." O profeta (Isa. 1:6) representa o povo comum de Israel como “cheio de feridas, contusões e chagas putrefatas”. As descrições breves e gráficas dadas pelo Salvador mostraram imediatamente aos seus ouvintes que ele estava descrevendo essas duas classes, o sacerdócio e a nação judaica, por um lado, e o povo comum, judeus e gentios, por outro.

O homem rico morreu e foi enterrado. Esta classe morreu oficialmente, nacionalmente e seu poder partiu. O reino de Deus foi tirado deles e conferido a outros. O mendigo morreu. Os gentios, publicanos e pecadores foram transportados para o reino do querido filho de Deus, onde não há judeu nem

grego, mas onde todos são um em Cristo Jesus. Este é o significado da expressão "seio de Abraão". Eles aceitaram a verdadeira fé e assim se tornaram um com o fiel Abraão. Abraão é chamado de pai dos fiéis, e o mendigo é representado como tendo ido para o seio de Abraão, para denotar o fato que agora é história, de que as pessoas comuns e os gentios aceitariam o cristianismo e se tornariam nações cristãs, desfrutando da bênção da fé cristã.

O que significa o tormento do homem rico? A miséria daqueles homens orgulhosos, quando logo depois suas terras foram capturadas e sua cidade e templo possuídos por bárbaros, e eles se espalharam como palha ao vento - uma condição em que continuaram daquele dia até hoje. Todos os esforços para abençoá-los com o cristianismo revelaram-se inúteis. Neste exato momento há um grande abismo estabelecido de modo que não há passagem para lá e para cá. E observe, os judeus não desejam o evangelho. Nem o rico pediu para entrar

no seio de Abraão com Lázaro. Ele só queria que Lázaro aliviasse seus sofrimentos mergulhando o dedo na água e esfriando a língua. É assim com os judeus hoje. Eles não desejam o evangelho; eles apenas pedem àqueles entre os quais permanecem que os tolerem e amenizem as dificuldades que acompanham suas andanças. A igreja e a nação judaica estão agora mortas. Uma vez que eles foram exaltados ao céu, mas agora eles são lançados no *Hades*, o reino da morte, e o abismo que se abre entre eles e os gentios não será abolido até que a plenitude dos gentios entre, e "então Israel será ser salvo."

Lightfoot diz: “O principal escopo e objetivo disso parece ser este: sugerir a destruição dos judeus incrédulos, que, embora tivessem Moisés e os profetas, não acreditaram neles, ou melhor, não acreditariam, embora alguém (mesmo Jesus) surgisse dos mortos."

Nossas citações não são de universalistas, mas daqueles que aceitaram a doutrina do

castigo eterno, mas que foram obrigados a confessar que esta parábola não faz referência a esse assunto (de inferno eterno). O homem rico ou os judeus estavam e estão no mesmo Inferno em que Davi estava quando disse: "As dores do Inferno (*Hades*) se apoderaram de mim, encontrei problemas e tristeza", e "tu livraste minha alma do Inferno mais baixo." Não em sofrimento sem fim no mundo futuro, mas em miséria e sofrimento neste.

26. Hades é temporário

Mas será esta uma condição final? Não, onde quer que o localizemos, deve acabar. Paulo pergunta aos romanos: "Será que eles (os judeus) tropeçaram e caíram? Deus não permita! mas antes, através da queda deles, a salvação chegou aos gentios." "Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para que não sejais sábios em vossos próprios conceitos, que a cegueira aconteceu em parte a Israel até que a plenitude dos gentios entre, e assim

todo o Israel será seja salvo. Como está escrito: O Libertador sairá de Sião, e afastará de Jacó a impiedade; porque esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados. (Romanos 11:22,25,27.)

Em termos breves, então podemos dizer que esta é uma história fictícia ou parábola que descreve o destino neste mundo do povo judeu e gentio dos tempos do nosso Salvador, e não tem a menor referência ao mundo após a morte, nem ao destino de humanidade naquele mundo.

Observe o leitor que o homem rico, estando no *Hades*, estava apenas num local de detenção temporária. Quer se trate de uma história literal ou de uma parábola, seu confinamento não será interminável. Isto é demonstrado de duas maneiras:

1. A morte e o *Hades* entregarão seus ocupantes. Apocalipse 20: 13.

2. *Hades* será destruído. 1ºCor. 15:55;

Apocalipse 20:14.

Portanto, *Hades* tem duração temporária. O Homem Rico não estava num lugar de tormento sem fim. Como observa o professor Stuart: "Qualquer que seja o estado dos justos ou dos ímpios, enquanto estiver no *Hades*, esse estado certamente cessará e será trocado por outro na ressurreição geral." Assim, o uso do Novo Testamento concorda exatamente com o Antigo Testamento. Principalmente, literalmente, *Hades* é a morte, a sepultura, e figurativamente, é a destruição. Está neste mundo e está para acabar. A última vez que é mencionado (Ap 20:14), bem como em outros casos (Oséias 13:14; 1ºCo 15:55), sua destruição é positivamente anunciada.

De modo que os casos (sessenta e quatro) no Antigo Testamento e (onze) no Novo, em todos os setenta e cinco na Bíblia, todos concordam perfeitamente em representar a palavra *Inferno,* derivada do hebraico *Sheol* e do grego *Hades*, como estar neste mundo e de duração

temporária.

27. Tártaro (2ºPedro 2:4, ταρταρόω)

Consideramos agora a palavra *Tártaro:* "Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no Inferno (*Tártaro*), e os entregou nas cadeias das trevas, para serem reservados ao julgamento." 2ºPedro 2:4. A palavra no grego é Tártaro, ou melhor, é um derivado desse substantivo (*tartarosas*). "Lançado ao inferno" deveria ser *"tartarasados"*.

(N.T.) ταρταρωσας (tartarosas, G5020), Verbo, Aoristo, voz Ativa, Participio, modo Nominativo de *tartaroo* (G5660).

(Dicionário de Strong) τάρταρος, Tártaros, o nome de uma região subterrânea, triste e escura, considerada pelos antigos gregos como a morada dos ímpios mortos, onde sofrem punição por suas más ações;

Os gregos consideravam o *Tártaro,* diz

Anthon, em seu Dicionário Clássico, “o lendário lugar de punição no mundo inferior”. “De acordo com as ideias das eras homérica e hesiódica, pareceria que o mundo ou universo era um globo oco, dividido em duas porções iguais pelo disco plano da terra. A parte externa deste globo era chamada pelos poetas de bronze e ferro, provavelmente apenas para expressar sua solidez. O hemisfério superior era chamado de Céu, e o inferior, *Tártaro.* O comprimento do diâmetro da esfera oca é dado assim por Hesíodo. Levaria, diz ele, nove dias para uma bigorna cair do Céu para a Terra; e um espaço igual de tempo seria ocupado pela sua queda da Terra para o fundo do Tártaro. Os luminares que iluminam os deuses e os homens irradiam seu brilho por todo o interior do hemisfério superior, enquanto o do inferior estava cheio de trevas eternas, e seu ar parado não era movido por qualquer vento. O Tártaro era considerado neste período como a prisão dos deuses e não como o lugar de tormento para os homens maus; sendo para os deuses, o que Érebo era para os

homens a morada daqueles que foram expulsos do mundo celestial. Os Titãs, quando conquistados, foram encerrados nele e Júpiter ameaça os deuses com o banimento para suas regiões obscuras. O Oceano de Homero abrangia toda a terra e, além dele, havia uma região não visitada pelo sol e, portanto, envolta em trevas perpétuas, a morada de um povo a quem ele chama de cimérios. Aqui o poeta da Odisséia também situa Érebo, o reino de Plutão e Prosérpina, a morada final de toda a raça dos homens, um lugar que o poeta da Ilíada descreve como situado no seio da terra. Num período posterior, a mudança de religiões afetou gradualmente o Érebo, o lugar da recompensa do bem; e o Tártaro foi criado para formar a prisão na qual os ímpios sofreram o castigo devido aos seus crimes." Virgílio ilustra esta visão, (Dryden's Virgil, Encid, 6):

"É aqui, em direções diferentes, que o caminho divide: -
A direita leva ao palácio dourado de Plutão,
A esquerda tende para aquela região infeliz,
Que às profundezas do Tártaro desce -

A dispersão da noite profunda e punida demônios.

. . . .

O abismo aberto está no centro,

E duas vezes mais profundo que a terra é visto dos céus.

Os rivais dos deuses, a raça Titã,

Aqui, chamuscado por um raio,

rola dentro do espaço insondável."

Ora, não se deve supor que Pedro endosse e ensine esse absurdo monstruoso do paganismo. Se o fez, então devemos aceitar todos os absurdos que o acompanham, na mitologia pagã. E se este é um item da fé cristã, por que nunca é mencionado, no Antigo ou no Novo Testamento? Por que não temos descrições dele, como abundam na literatura clássica?

28. O livro de Enoque

Pedro alude ao assunto como se fosse bem conhecido e compreendido pelos seus correspondentes. “Se os anjos pecaram.” - que anjos? "foram lançados no Tártaro", onde a história está relacionada? Não na

Bíblia, mas num livro bem conhecido na época, chamado Livro de Enoque. Foi escrito algum tempo antes da Era Cristã e é frequentemente citado pelos pais cristãos. Ela incorpora uma tradição, à qual Josefo alude (Ant. 1:3), de certos anjos que caíram. (Dr. T. J. Sawyer, em Univ. Quart.) Deste livro apócrifo, Peter citou o versículo referente ao Tártaro. Dr. Sawyer diz: "Não apenas os modernos são forçados a esta opinião, mas parece ter sido universalmente adotada pelo antigos. 'Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Hilário', diz o Professor Stuart, 'todos os quais se referem ao Livro de Enoque, e citam dele, não dizem nada que estabeleça a ideia de que qualquer cristão de sua época negava ou duvidava que o apóstolo Judas fez uma citação do Livro de Enoque. Vários e na verdade a maioria desses escritores questionam a posição canônica ou autoridade do Livro de Enoque; mas as desculpas que eles fazem pela citação de Enoque em Judas, mostra que a citação em si foi, na verdade, geralmente aceita entre eles.' É verdade que alguns indivíduos ainda duvidam que

Judas tenha citado o Livro de Enoque; mas embora, como sugere o Professor Stuart, esta dúvida seja incapaz de ser confirmada por qualquer prova satisfatória, não serve de nada para negar a citação; pois é evidente que se Judas não citou o Livro de Enoque, ele citou uma tradição de autoridade não melhor."

Este Livro de Enoque está cheio de lendas absurdas, que nenhum homem sensato pode aceitar.

29. O que Pedro quis dizer?

Por que Pedro citou esse livro? Assim como os homens agora citam os clássicos, não para sancionar a verdade da citação, mas para ilustrar e reforçar uma proposição. Nada é mais comum do que os escritores citarem fábulas: “Como disse a tartaruga à lebre”, em Esopo. “Como o sol disse ao vento”, etc. Temos a mesma prática ilustrada na Bíblia. Josué, após uma citação poética que adorna sua narrativa, diz: "Não está isto escrito no

livro de Jasar? Josué 10:13 e Jeremias 48:45 diz: "Um fogo sairá de Hesbom", citando um antigo poeta, diz o Dr. Adam Clarke. Pedro alude a esta lenda antiga para ilustrar a certeza da retribuição sem qualquer intenção de ensinar as noções tolas de anjos caindo do céu e certamente sem pretender sancionar as noções então predominantes sobre o Tártaro pagão. Das duas interpretaçêos possíveis apenas uma pode ser: ou a doutrina pagã é verdadeira e os pagãos se adiantaram à inspiração ao averiguar os fatos antes que os autores da Bíblia a aprendessem - pois ela foi aceita séculos antes de Cristo e certamente não é ensinada no Antigo Testamento - ou Pedro cita-o como quando Jesus se refere retoricamente a Mamon para ilustrar o grande fato da retribuição que ele estava inculcando. Se, porém, for verdadeira a citação, como alguém pode explicar o fato de que isso nunca é mencionado na Bíblia, antes ou depois desta vez? Além disso, esses anjos não ficarão sempre detidos no Tártaro, eles serão libertados. A linguagem é: "entregou-os às cadeias das trevas, para serem reservados para o

julgamento". Quando chega o julgamento, eles emergem da pressão. Eles apenas permanecem no Tártaro “até o julgamento”. A sua prisão não é infinita, de modo que a linguagem não dá provas de punição infinita, mesmo que seja uma descrição literal.

Mas ninguém pode deixar de ver que o apóstolo emprega a lenda do Livro de Enoque para ilustrar e reforçar a sua doutrina da retribuição. Como se ele tivesse dito: “Se, como alguns acreditam, Deus não poupou os anjos que pecaram, não esperemos que nós, que pecamos, homens mortais, escaparemos”. Se esta visão for negada, não há como escapar da doutrina grosseira do Tártaro, tal como ensinada pelos pagãos e também com base no testemunho de uma frase solitária das Escrituras! Mas qualquer que seja a intenção das palavras, elas não ensinam um tormento *sem fim,* pois as cadeias mencionadas apenas duram até o julgamento.

30. Gehenna (Geena, Geenna, γέεννα)

Embora quase todas as autoridades eminentes "ortodoxas" admitam que *Sheol* e *Hades* não denotam um lugar de tormento no mundo futuro, a maioria daqueles que aceitam a doutrina do tormento sem fim afirmam que a Gehenna transmite esse significado.

Campbell, em seus “Quatro Evangelhos”, diz: “Que a Gehenna é empregada no Novo Testamento, para denotar o lugar do castigo futuro, preparado para o diabo e seus anjos, é indiscutível. É neste sentido, *se não estou enganado,* em que *Gehenna (Gehenna, Geenna, G1067)* deve sempre ser entendida no Novo Testamento, onde ocorre apenas doze vezes. É uma palavra peculiar aos judeus, e foi empregada por eles algum tempo antes da vinda de Cristo, para denotar a parte do *Sheol* que era a habitação dos ímpios após a morte. Isto é provado pelo fato de seu uso familiar no Novo Testamento, e pelo fato de ser encontrado nos livros apócrifos e nos Targuns judaicos, alguns dos quais

foram escritos antes da época de nosso Salvador." Mas tal força não reside na palavra (Gehenna), nem há uma centelha de evidência de que ela tenha transmitido tal ideia até muitos anos depois de Cristo. Não é encontrado nos Apócrifos, Campbell se enganou nisso.

Stuart diz (Exeg. Ess.); "Admite-se que os judeus de uma época posterior usaram a palavra *Gehenna* (*Gehenna*) para denotar o *Tártaro,* isto é, o lugar do castigo infernal."

No século II, Clemens Alexandrinus diz: "Não reconhece Platão tanto os rios de fogo quanto aquele profundo vale da terra que os bárbaros chamam de Gehenna? Não menciona ele profeticamente o *Tártaro,* o *Cócito,* o *Aqueronte,* o *Flegetonte* de fogo, e certos outros locais de punição, que levam à correção e disciplina?" Univ. Ex.

Mas um exame do uso bíblico do termo (Gehenna) nos mostrará que a visão popular é obtida injetando-se na palavra

(Gehenna) a superstição pagã. A sua origem e as primeiras referências a ela no Antigo Testamento são bem afirmadas por eminentes críticos e exegetas.

31. Opinião de Acadêmicos

Diz Campbell: "A palavra *Gehenna* é derivada, como todos concordam, das palavras hebraicas *ge hinnom;* que, com o passar do tempo, passando para outras línguas, assumiram diversas formas; por exemplo, Chaldee *Gehennom,* árabe *Gahannam,* grego *Gehenna.* (γεεννα , G1067)

O vale de Hinom faz parte do agradável *wadi* ou vale que limita Jerusalém ao sul. Josué 15:8; 18:6. Aqui, nos tempos antigos e sob alguns dos reis idólatras, era praticada a adoração de Moloch, o horrível deus-ídolo dos amonitas. A este ídolo eram oferecidas crianças em sacrifício. 2ºReis 23:10; Ezequiel 23:37,39; 2ºCrô. 28:3; Lev. 28:21; 20:2. Se pudermos dar crédito aos rabinos, a

cabeça do ídolo era como a de um boi; enquanto o resto do corpo se assemelhava ao de um homem. Era oco e acendia-se fogo nele. Aquecido pelo fogo, crianças eram colocadas em seus braços e literalmente assadas vivas. Não podemos nos surpreender, então, com os termos severos com que a adoração de Moloch é denunciada em toda parte nas Escrituras. Nem podemos admirar que o lugar em si deveria ter sido chamado de *Tofete* (תפת, sept:ταφεθ), isto é, abominação, detestação, (de tof (toph), vomitar com aversão)." Jer. 8:32; 19:6; 2ºReis 23:10; Ezequiel 23:36,39.

"Depois que esses sacrifícios cessaram, o lugar foi profanado e transformado em ódio e horror. O piedoso rei Josias fez com que fosse poluído, ou seja, ele fez com que fosse levada para lá a sujeira da cidade de Jerusalém. Parece que o costume de profanar este lugar assim iniciado felizmente continuou depois de séculos, até o período em que nosso Salvador estava na terra. Fogos perpétuos eram mantidos para consumir as miudezas que

ali eram depositadas. E como as mesmas miudezas geravam vermes , (pois é o que acontece com toda carne putrefata, é claro), daí veio a expressão: 'Onde o verme não morre e o fogo não se apaga.' "Ess. Exegética de Stuart, pág. 140-141.

"Gehenna, originalmente uma palavra hebraica, que significa *o vale de Hinom*, é composta pelo substantivo comum *Gee,* vale, e pelo nome próprio *Hinom,* o dono deste vale. O vale dos filhos de Hinom era um vale encantador, plantado com árvores, regado por fontes, e situado perto de Jerusalém, no sudeste, perto do riacho Kedron. Aqui os judeus colocaram aquela imagem de bronze de Moloch, que tinha o rosto de um bezerro, e estendia as mãos como as de um homem. Diz-se, com base na autoridade dos antigos rabinos, que, a esta imagem, os judeus idólatras costumavam não apenas sacrificar pombas, pombos, cordeiros, carneiros, bezerros e touros, mas até mesmo oferecer seus filhos. 9:7; 2ºReis 15:3,4. Na profecia de Jeremias (Jer. 7:31), este vale é chamado de *Tofete,* de *Tof (Toph),* um

tambor, porque os administradores desses ritos horríveis tocam tambores, para que o choro e os gritos das crianças que eram queimadas não fossem ser ouvidos pela assembléia. Por fim, essas práticas nefastas foram abolidas por Josias, e os judeus foram trazidos de volta à adoração pura de Deus.

(N.T.) Há, portanto, duas hipóteses para o significado original de Tof ou Toph, vomitar e tambor. Nomes posteriores para o vale de Hinnom ligados ao que ele se tornou depois dos sacrifícios humanos à Moloch.

2ºReis 23:10. Depois disso, eles mantiveram o local em tal abominação, diz-se, que lançaram nele todo tipo de sujeira, junto com carcaças de animais e corpos insepultos de criminosos que haviam sido executados. Foram necessários fogos contínuos para consumi-los, para que a putrefação não infectasse o ar; e sempre havia vermes alimentando-se das relíquias restantes. Daí veio que qualquer punição severa, especialmente um tipo vergonhoso de morte, foi

denominada Gehenna.” Schleusner.

Ao traçarmos a história da localidade conforme ocorre no Antigo Testamento, aprendemos que ela nunca deveria ter sido traduzida pela palavra Inferno. É um nome próprio de uma localidade bem conhecida e deveria ter sido Gehenna (simp. Gehenna), como acontece na Bíblia francesa, nas traduções de Newcome e Wakefield. Na Versão Melhorada, Emphatic Diaglott, etc. Babilônia poderia ter sido traduzida como Inferno com tanta propriedade quanto Gehenna. Está totalmente descrita em numerosas passagens do Antigo Testamento e está localizada com exatidão.

32. Gehenna localizada neste mundo

"E o termo subia pelo vale do filho de *Hinom* até o lado sul dos jebuseus; esta é Jerusalém, e o termo subia até o topo da montanha que fica diante do vale de *Hinom,* para o oeste." Josué 15:8. "E ele (Josias) contaminou *Tofete,* que está no

vale dos filhos de *Hinom,* para que ninguém fizesse seu filho ou filha passar pelo fogo para *Moloch.*" II Reis 23:10. "Além disso, ele (Acaz) queimou incenso no vale do filho de Hinom, e queimou seus filhos no fogo, segundo as abominações dos gentios." 2ºCrô. 28:3. "E eles (os filhos de Judá) edificaram os altos de *Tofete,* que está no vale do filho de Hinom, para queimarem no fogo seus filhos e suas filhas; o que não lhes ordenei, nem veio isto ao meu coração. Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se chamará mais *Tofete,* nem vale do filho de *Hinom,* mas vale da matança; porque sepultarão em *Tofete* até que não haja mais lugar." Jer. 7:31,32. "E sai ao vale do filho de Hinom, que está à entrada da porta oriental, e proclama ali as palavras que eu te direi. Portanto, eis que vêm os dias, diz o Senhor, que este lugar não se chame mais *Tofete,* nem vale do filho de *Hinom,* mas vale da matança." Jer. 19:2,6.

Estas e outras passagens mostram que a Gehenna era um vale bem conhecido, perto de Jerusalém, no qual os judeus em

seus dias idólatras sacrificaram seus filhos ao ídolo *Moloch,* em consequência do qual foi condenado a receber as miudezas, refugos e esgotos da cidade, onde eram lançados os corpos dos malfeitores e onde para ser destruídos os odores e as influências pestilentas, mantinham-se continuamente acesos fogos. Aqui o fogo, a fumaça, os vermes criados pela corrupção e outras características repulsivas tornavam o lugar horrível aos olhos dos judeus. Era uma localidade com a qual eles estavam tão familiarizados quanto com qualquer lugar dentro ou ao redor da cidade. O vale às vezes era chamado de *Tofete,* segundo Schleusner, de *Tof (Toph),* um tambor, porque os tambores eram tocados durante os ritos idólatras, mas Adam Clarke diz que isso se deve ao fato de Moloch ser oco e aquecido, e crianças serem colocadas em seus braços , para queimar até a morte; a palavra *Tofete* ele diz, significando fogão; mas o professor Stuart acha que o nome deriva de "*Tof,* vomitar o ódio". Depois destas práticas horríveis, o Rei Josias poluiu o local e tornou-o repulsivo.

"Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se chamará mais *Tofete,* nem vale do filho de Hinom, mas vale da matança; porque sepultarão em *Tofete* até que não haja lugar. E os cadáveres deste povo servirão de pasto às aves do céu e aos animais da terra; e ninguém os espantará. E farei cessar nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém, a voz de folguedo, e a voz de alegria, a voz de esposo e a voz de esposa; porque a terra se tornará em desolação." (Jer. 7:32-34.) "Naquele tempo, diz o Senhor, tirarão os ossos dos reis de Judá, e os ossos dos seus príncipes, e os ossos dos sacerdotes, e os ossos dos profetas, e os ossos dos habitantes de Jerusalém para fora das suas sepulturas; E expô-los-ão ao sol, e à lua, e a todo o exército do céu, a quem tinham amado, e a quem tinham servido, e após quem tinham ido, e a quem tinham buscado e diante de quem se tinham prostrado: não serão recolhidos nem sepultados; serão por esterco sobre a face da terra. E escolher-se-á antes a morte do que a vida de todo o resto dos que

restarem desta raça maligna, em todos os lugares dos que restam, onde os lancei, diz o Senhor dos exércitos.” (Jeremias 8:1-3) “E farei desta cidade uma desolação e um assobio; todo aquele que por ela passar ficará surpreso e assobiará por causa de todas as suas pragas. E farei com que comam a carne de seus filhos e a carne de suas filhas, e comerão cada um a carne do seu amigo no cerco e na angústia com que os seus inimigos, e aqueles que procuram a sua vida, os estreitarão. E eles os enterrarão em *Tofete,* até que não haja lugar para enterrá-los. Assim farei com este lugar, diz o Senhor, e com os seus habitantes, e até tornarei a cidade como *Tofete;* e as casas de Jerusalém, e as casas dos reis de Judá, serão contaminadas como o lugar de *Tofete,* por causa de todas as casas sobre cujos telhados queimaram incenso a todo o exército dos céus e derramaram libações a outros deuses. Então veio Jeremias de *Tofete,* para onde o Senhor o enviara para profetizar; e pôs-se no átrio da casa do Senhor e disse a todo o povo: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel:”

(Jeremias 19: 8-15.)

Essas passagens mostram que *Gehenna* ou *Tofete* era uma localidade horrível perto de Jerusalém, e que, ao ser lançado ali literalmente, a condenação foi originalmente ameaçada e executada. Cada referência é a este mundo e a um lançamento literal naquele lugar.

No Dicionário de Inglês do Dr. Bailey, *Gehenna* é definida como "um lugar no vale da tribo de Benjamim, terrível por causa de dois tipos de fogo nele, aquele em que os israelitas sacrificaram seus filhos ao ídolo *Moloch,* e também outro mantido continuamente queimando para consumir os cadáveres e a imundície de Jerusalém."

Mas com o passar do tempo, a *Gehenna* passou a ser um emblema das consequências do pecado e a ser empregada figurativamente pelos judeus, para denotar essas consequências. Mas sempre neste mundo. Os judeus nunca a usaram para significar tormento após a

morte, até muito depois de Cristo. Que a palavra não tinha o significado de tormento post-mortem quando nosso Salvador a usou, é demonstrável: Josefo era fariseu e escreveu por volta da época de Cristo, e diz expressamente que os judeus da época (por corrupção dos ensinamentos de Moisés) acreditavam no castigo após a morte, mas Josefo nunca emprega a *Gehenna* para denotar o local do castigo. Ele usa a palavra *Hades*, que os judeus obtiveram dos pagãos, mas nunca usa *Gehenna,* como teria feito, se ela possuísse esse significado naquela época. Isso demonstra que a palavra não tinha esse significado naquela época. Além disso, nem os Apócrifos, que foram escritos entre 280 e 150 a.C., nem Philo, jamais usaram a palavra. Foi usado pela primeira vez no sentido moderno de Inferno por Justino Mártir, cento e cinquenta anos depois de Cristo.

Thayer conclui uma digressão muito completa sobre a palavra ("Teologia, etc.") assim: "Nossa investigação mostra que ela é empregada no Antigo Testamento

apenas em seu sentido literal ou geográfico, como o nome do vale situado ao sul de Jerusalém - que a Septuaginta prova que manteve esse significado até 150 a.C. - que não é encontrado nos Apócrifos; nem em Filo, nem em Josefo, cujos escritos cobrem os próprios tempos do Salvador e do Novo Testamento, deixando-nos assim sem um único exemplo de uso contemporâneo para determinar o seu significado neste período - que de 150-195 d.C., encontramos em dois autores gregos, Justino e Clemente de Alexandria, o primeiro residente na Itália e o último no Egito que *Gehenna* começou a ser usada para designar um local de punição após a morte, mas não punição sem fim, já que Clemente acreditava na restauração universal - que a primeira vez que encontramos *Gehenna* usada neste sentido em qualquer escrito judaico é perto do início do século século III, no Targum de Jonathan Ben Uzziel, duzentos anos tarde demais para ter qualquer utilidade no argumento - e, por último, que o uso do Novo Testamento mostra que, embora não tenha perdido totalmente

seu sentido literal, também foi empregado no tempo de Cristo como símbolo de corrupção moral e maldade; mas mais especialmente como uma figura dos terríveis julgamentos de Deus sobre a nação rebelde e pecadora dos judeus".

Os talmudes e targums judaicos usam a palavra no sentido que a Igreja Cristã a usa há tanto tempo, embora sem atribuir-lhe infinitude, mas nenhum deles provavelmente é anterior a 200 d.C. O mais antigo é o targum (tradução) de Jonathan Ben Uziel, que foi escrito de acordo com as melhores autoridades entre 200 e 400 d.C.

"A maioria dos críticos eminentes agora concorda que não poderia ter sido concluído antes de algum tempo entre duzentos e quatrocentos anos depois de Cristo." (Univ. Exposições. Vol 2, pág. 368). "Nem a linguagem nem o método de interpretação são os mesmos em todos os livros. Nas obras históricas, o texto é traduzido com maior precisão do que em outros lugares; em alguns dos Profetas,

como em Zacarias, a interpretação tem mais do Caráter rabínico e talmúdico. Desta variedade podemos inferir adequadamente que a obra é uma coleção de interpretações de vários homens eruditos feitas no final do século III, e contendo algumas de uma data muito mais antiga; por isso algumas partes dela existiram já no século II, aparece nos acréscimos que foram transferidos de alguma paráfrase caldaica para o texto hebraico, e já estavam no texto no século II. Jahn Int. pág. 66. Introdução de Horne. Vol. 2. pág. 160.

O Dr. Thomas B. Thayer, em sua "Teologia", diz: "O Dr. Jahn atribui-o ao final do terceiro século depois de Cristo; Eichhorn decide para o quarto século; Bertholdt inclina-se para o segundo ou terceiro século, e está confiante de que ' não pode ter atingido a sua atual forma completa antes do final do segundo século.' Bauer geralmente coincide nessas visões.

(N.T.) *Teologia do Universalismo*,

Thomas Baldwin Thayer, encontrável em PDF em português na internet (academia.edu; archive.org; etc.).

Alguns críticos consideram a data tão tardia quanto o século 7 ou 8. Veja uma discussão completa da questão no *Universalist Expositor,* Vol. 2, pág. 35l-368. Veja, também, Introdução de Horne, Vol. 2, 157-163. Justino Mártir, 150 d.C., e Clemente de Alexandria, 195 d.C., ambos empregam a Gehenna para designar o local da punição futura; mas o primeiro emite uma opinião apenas sobre o seu significado num determinado texto, e o último era um universalista e não acreditava, é claro, que a Gehenna fosse o lugar de punição *sem fim.* Agostinho, 400 d.C., diz que a Gehenna 'stagnum ignis et sulphuris corporeus ignis erit' ('o Lago de fogo e enxofre será um fogo físico'). De Civitate Dei, L. 21. C. 10."

Na época de Cristo, o Antigo Testamento existia em hebraico. A tradução da Septuaginta foi feita entre duzentos e quatrocentos anos antes de seu

nascimento. Em ambos, Gehenna nunca é usada como nome de um local de punição futura. Um escritor do *Universalist Expositor* comenta (Vol. 2): "Tanto os Apócrifos quanto as obras de Fílon, quando comparados entre si, fornecem evidências circunstanciais de que a palavra não pode ter sido empregada realmente, durante sua época, para denotar um lugar de tormento futuro. . . . Dos poucos vestígios que nos restam desta época, parece que a ideia de punição futura, tal como era entre os judeus, estava associada à ideia de trevas, e não de fogo; e que entre aqueles da Palestina, supunha-se que a miséria dos ímpios consistia mais em privação do que em aplicação ativa de castigos... Mas não podemos descobrir, em Josefo, que qualquer uma dessas seitas, os fariseus ou os essênios, ambos acreditavam na doutrina da miséria sem fim, supôs que fosse um estado de fogo, ou que os judeus alguma vez aludiram a isso por esse emblema."

Assim, os Apócrifos, 150-500 a.C., Filo

Judaeus 40 d.C., e Josefo, 70-100 d.C., todos se referem à punição futura, mas nenhum deles usa a Gehenna para descrevê-la, o que teriam feito, sendo judeus, se a palavra então em uso com esse significado. Se fosse o nome de um lugar de tormento futuro, alguém pode duvidar que seria encontrado repetidamente em seus escritos? E o fato de nunca ter sido encontrado em seus escritos não demonstra que não tinha tal uso então, e se assim for, não se segue que Cristo não o usou em tal sentido?

O Cônego Farrar diz sobre a Gehenna (Prefácio de “Esperança Eterna): “No Antigo Testamento é apenas o agradável vale de Hinom (Ge Hinom), posteriormente profanado pela idolatria, e especialmente pela adoração de Moloch, e contaminado por Josias por causa disso. (Ver I Reis 11: 7; II Reis 23: 10.)(Jer. 7: 31; 19: 10-14; Isa. 30: 33; Tofete). Usado segundo a tradição judaica, como lixão comum da cidade, os cadáveres dos piores criminosos eram jogados nele sem serem enterrados, e fogueiras eram acesas para

purificar o ar contaminado. Tornou-se então uma palavra que implicava secundariamente (1) o julgamento mais severo que um tribunal judeu poderia proferir sobre um criminoso - a expulsão de seu cadáver insepulto em meio ao fogo e aos vermes deste vale poluído; e (2) um castigo – que para os judeus de um modo geral nunca significou um castigo sem fim além do túmulo. Qualquer que seja o significado de todas as passagens em que a palavra ocorre, 'Inferno' é uma tradução completamente errada, uma vez que atribui ao termo usado por Cristo um sentido inteiramente diferente daquele em que foi entendido pelos ouvintes de nosso Senhor, e portanto, totalmente diferente do sentido em que ele poderia tê-lo usado. Orígenes diz (Contra Celso 6:25) que Gehenna denota (1) o vale de Hinnon; e (2) um fogo purificador (εις την μετά βασάνων καθαρσιν, eis ten meta basanon katharsin, na purificação pós-sofrimento). Ele declara que Celso ignorava totalmente o significado da Gehenna."

33. Visões judaicas sobre a Gehenna

Gehenna (Geena) é o nome dado pelos judeus ao Inferno. O reverendo H. N. Adler, um rabino judeu, diz: “Eles não ensinam o sofrimento retributivo sem fim. Eles sustentam que não é concebível que um Deus de misericórdia e justiça ordenasse punição infinita para transgressões finitas”. Dr. Dentsch declara: "Não há uma palavra no Talmud que dê qualquer apoio a esse maldito dogma de tormento sem fim." O Dr. Dewes, em seu "Apelo por Tradução Racional", diz que a Gehenna é mencionada quatro ou cinco vezes na Mishna, assim: "O julgamento da Gehenna dura doze meses"; "Gehenna é um dia em que os ímpios serão queimados." Bartolocci declara que “os judeus não acreditavam em um fogo material e pensavam que o fogo em que eles acreditavam um dia seria apagado”. Rabino Akiba, “o segundo Moisés”, disse: “A duração da punição dos ímpios na Gehenna é de doze meses”. Adyoth 3: 10. alguns rabinos disseram que a Gehenna

durava apenas da Páscoa até o Pentecostes. Esta era a concepção predominante. (Resumido do Excurso 5, em "Eterna Esperança" do Cônego Farrar. Ele fornece em uma nota esses testemunhos para provar que os judeus a quem Jesus falou não consideravam a Gehenna como de duração infinita). Asarath Maamaroth, f. 35, 1: "De agora em diante não haverá Gehenna." Jalkuth Shimoni, f. 46, 1: "Gabriel e Miguel abrirão os oito mil portões da Gehenna e libertarão os israelitas e os gentios justos." Uma passagem em Othoth (atribuída a R. Akiba) declara que Gabriel e Miguel abrirão os quarenta mil portões da Gehenna e libertarão os condenados, e em Emek Hammelech, f. 138, 4, lemos: “Os ímpios permanecem na Gehenna até a ressurreição, e então o Messias, passando por ela, os redime”. Veja a literatura rabínica de Stephelius.

O reverendo Dr. Wise, um erudito rabino judeu, diz: “Que os antigos hebreus não tinham conhecimento do Inferno é evidente pelo fato de que sua língua não

tem um termo para isso. foram obrigados a tomar emprestada a palavra 'Gehinnom', o vale de Hinom, 'um lugar fora de Jerusalém, que era o receptáculo para o lixo da cidade - uma localidade que por seu cheiro ofensivo e miasma repugnante era evitada, e com o tempo a superstição vulgar a cercou com fantasmas (hob-goblins). Lugares assombrados desse tipo não são raros nas proximidades de cidades populosas. Na Mishna de origem mais recente, a palavra *Gehinnom* (*Gehenna*) é usada como uma localidade de punição para malfeitores e, portanto, não foi usada com este sentido antes do terceiro século, A. D."

Da época de Josefo em diante, houve um intervalo de cerca de um século, a partir do qual nenhum escrito judaico chegou até nós. Foi um período de mudanças terríveis para aquele povo arruinado e perturbado. O corpo político foi dissolvido, todo o sistema da sua religião cerimonial foi esmagado com a queda da sua cidade e do seu templo; e eles próprios, espalhados, foram amaldiçoados em toda

a face da terra. Seus sentimentos passaram por uma rápida transformação, e quando voltamos a ver seus escritos, os encontramos repletos de todos os conceitos extravagantes que cérebros loucos e visionários já acalentaram. Exposições. Vol. 2. Artigo: Gehenna, Hosea Ballou 2d (segundo).

Antes de considerar as passagens das Escrituras que contêm a palavra, o leitor deve ler cuidadosamente e lembrar o seguinte:

34. Fatos importantes

1) Gehenna era uma localidade bem conhecida perto de Jerusalém e não deveria ser traduzida como Inferno, assim como Sodoma ou Gomorra não deve. Veja Josué. 15:8; 2ºReis 17:10; 2ºCrô. 28:3; Jer. 7:31,32; 19:2.

2) Gehenna (Gehenna) nunca é empregada no Antigo Testamento para significar outra coisa senão o lugar com o

qual todo judeu estava familiarizado.

3) A palavra deveria ter sido deixada sem tradução como acontece em algumas versões, e não seria mal interpretada. Não foi mal compreendido pelos judeus a quem Jesus a dirigiu. Walter Balfour diz bem: “Que significado os judeus que estavam familiarizados com esta palavra, e sabiam que ela significava o vale de Hinom, provavelmente atribuiriam a ela quando a ouvissem ser usada por nosso Senhor? Iriam eles, contradizendo todo o uso anterior, transferir seu significado de um lugar com cuja localidade e história eles estavam familiarizados desde a infância, para um lugar de miséria em outro mundo? Esta conclusão é certamente inadmissível. Por qual regra de interpretação, então, podemos chegar à conclusão que esta palavra significa um lugar de miséria e morte?"

4) A Bíblia Francesa, a Emphatic Diaglott, a Versão Melhorada, a Tradução de Wakefield e a de Newcomb mantêm o nome próprio, Gehenna, o nome de um

lugar tão conhecido como Babilônia.

5) A Gehenna nunca é mencionada nos Apócrifos como um lugar de punição futura, como teria sido se esse fosse o seu significado antes e na época de Cristo.

6) Nenhum escritor judeu, como Josefo ou Filo, jamais o usou como nome de um local de punição futura, como teriam feito se esse fosse o seu significado.

7) Nenhum autor grego clássico alguma vez fez alusão a ela e, portanto, era uma localidade puramente judaica.

8) O primeiro escritor judeu que o nomeou como um lugar de punição futura foi Jonathan Ben Uzziel que escreveu, de acordo com várias autoridades, do século II ao VIII, d.C.

9) O primeiro escritor cristão que chama o Inferno de Gehenna é Justino Mártir, que escreveu por volta de 150 d.C.

10) Nem Cristo nem seus apóstolos

jamais o nomearam aos gentios, mas apenas aos judeus, o que prova que é uma localidade conhecida apenas pelos judeus, ao passo que, se fosse um local de punição após a morte dos pecadores, teria sido pregado também aos gentios assim como aos judeus.

11) Foi mencionado apenas doze vezes em oito ocasiões em todo o ministério de Cristo e dos apóstolos, e nos Evangelhos e Epístolas. Foram fiéis à sua missão ao não dizer mais do que isto sobre um tema tão vital como um Inferno sem fim, se pretendessem ensiná-lo?

12) Somente Jesus e Tiago o nomearam. Nem Paulo, João, Pedro nem Judas jamais o empregaram. Não teriam eles avisado os pecadores sobre isso, se houvesse uma Gehenna de tormento sem fim após a morte?

13) Paulo diz que ele “não se esquivou de declarar todo o conselho de Deus”, e ainda assim, embora fosse o grande pregador do Evangelho aos gentios, ele

nunca lhes disse que a Gehenna é um lugar de punição após a morte. Ele não teria alertado repetidamente os pecadores contra isso se existisse tal lugar?

O Dr. Thayer observa significativamente: "O Salvador e Tiago são as únicas pessoas em todo o Novo Testamento que usam a palavra. João Batista, que pregou aos mais ímpios dos homens, não a usou nenhuma vez. Paulo escreveu quatorze epístolas e nunca menciona a palavra Gehenna; Pedro não a cita, nem Judas; e João, que escreveu o evangelho, três epístolas e o Livro do Apocalipse, não a emprega em um único caso. Agora, se a Gehenna ou o Inferno realmente revelam o terrível fato da *miséria sem fim* , como podemos explicar esse estranho silêncio? Como é possível, se eles conhecessem seu significado e acreditassem que era parte do ensinamento de Cristo que não deveriam tê-lo usado cem ou mil vezes, em vez de nunca usá-la; especialmente quando consideramos os *infinitos* interesses envolvidos? O Livro de Atos contém o

registro da pregação apostólica e a história da primeira plantação da igreja entre os judeus e gentios, e abrange um período de trinta anos a partir da ascensão de Cristo. Em toda esta história, em toda esta pregação dos discípulos e apóstolos de Jesus não há menção à Gehenna. Em trinta anos de esforço missionário, estes homens de Deus, dirigindo-se a pessoas de todos os caracteres e nações, nunca, em nenhuma circunstância, os ameaçaram com os tormentos da Gehenna ou aludem a ela da maneira mais distante! Diante de um fato como esse, pode alguém acreditar que a Gehenna significa punição sem fim e que isso faz parte da revelação divina, uma parte da mensagem do Evangelho ao mundo? Estas considerações mostram quão impossível é estabelecer a doutrina em análise sobre a palavra Gehenna. Todos os fatos vão contra a suposição de que o termo tenha sido usado por Cristo ou por seus discípulos no sentido de punição sem fim. Não há o menor indício de tal significado associado a ela, nem o menor aviso preparatório de que qualquer

nova revelação deveria ser procurada nesta antiga palavra familiar."

14) Jesus falou em Gehenna aos judeus incrédulos, apenas duas vezes (Mateus 23:15 e 23:33) e durante todo o seu ministério apenas quatro. Se fosse a morada final de milhões de infelizes, não estariam as suas advertências repletas de exortações para evitá-la?

(N.T.) Todas as ocorrências de Geenna no NT (Textus Receptus): (as 4 vezes: Mateus 5:22; Mateus 5:29; Mateus 5:30; Mateus 10:28; (repetição de Mat.5:29: Mateus 18:9;) (aos farizeus: Mateus 23:15; Mateus 23:33;) (repetições nos outros evangelhos: Marcos 9:43; Marcos 9:45; Marcos 9:47; Lucas 12:5;) (não Jesus: Tiago 3:6).

15) Jesus alertou os judeus incrédulos sobre a Gehenna, mas apenas duas vezes em todo o seu ministério (Mateus 23:15 e 33) e ele imediatamente explicou que isso estava prestes a acontecer *nesta* vida.

16) Se Gehenna (Gehenna) é o nome do Inferno então os *corpos* dos homens são queimados lá, assim como suas almas. Mat. 5: 29; 18:9.

17) Se for o nome de tormento sem fim, então o fogo literal é o castigo do pecador. Marcos 9: 43-48.

18) Nunca se diz que a salvação vem da Gehenna.

19) Nunca se diz que a Gehenna tem duração infinita, nem se fala dela como destinada a durar para sempre, de modo que mesmo admitindo as ideias populares de sua existência após a morte, ela não dá suporte à ideia de tormento sem fim.

20) Clemente, um universalista, usou a Gehenna para descrever suas idéias de punição. Ele foi um dos primeiros pais cristãos. A palavra não denotava então punição sem fim.

21) Uma morte vergonhosa ou punição

severa nesta vida era denominada Gehenna na época de Cristo (Schleusner, Canon Farrar e outros), e não há evidência de que Gehenna significasse outra coisa na época de Cristo.

Com estas preliminares consideremos as doze passagens em que a palavra ocorre.

"Mas eu vos digo que todo aquele que estiver zangado com seu irmão sem causa estará em perigo de julgamento; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, estará em perigo de conselho: mas todo aquele que disser: Seu tolo , estará em perigo de fogo do Inferno." Mat. 5:22. O propósito de Jesus aqui era mostrar quão exigente é o Cristianismo. Ele julga os motivos. Isto ele afirma na última frase do versículo, depois de se referir às penalidades legais do Judaísmo nos dois primeiros. O “julgamento” aqui é o tribunal eclesiástico inferior de vinte e três juízes: o “conselho” é o tribunal superior, que pode condenar à morte. Mas o Cristianismo é tão exigente que se alguém despreza o outro, será

considerado culpado pelos princípios cristãos dos piores crimes, pois “aquele que odeia o seu irmão já cometeu homicídio no seu coração”. Podemos dar o verdadeiro significado desta passagem nas palavras de comentaristas “ortodoxos”.

Wynne diz corretamente: “Isso alude aos três graus de punição entre os judeus, a saber, punição civil infligida pelos juízes ou anciãos nas portas; excomunhão pronunciada pelo grande Conselho Eclesiástico ou Sinédrio; e queimado até a morte, como aqueles que foram sacrificados aos demônios no vale de Hinom ou Tofete, onde os israelitas idólatras costumavam oferecer seus filhos a Moloch." Nota no local. O Dr. Adam Clarke diz: "É muito provável que nosso Senhor não queira dizer mais nada aqui do que isto: 'Se um homem acusa outro de apostasia da religião judaica, ou rebelião contra Deus, e não pode provar sua acusação, então ele está exposto a aquela punição (ser queimado vivo) que o outro iria sofrer, se as acusações tivessem sido

fundamentadas. Há três ofensas aqui que se excedem em seus graus de culpa. 1. Raiva contra um homem, acompanhada de algum ato prejudicial. 2. Desprezo, expresso pelo infame epíteto ‘raca’ (ρακα, G4469), ou cérebros superficiais. 3. Ódio e inimizade mortal, expressos pelo termo more (μωρε, tolo, G3474), ou apóstata, onde tal apostasia não pôde ser provada. Agora, proporcionados a essas três ofensas, havia três graus diferentes de punição, cada um excedendo o outro em gravidade, à medida que as ofensas se excediam em seus diferentes graus de culpa. 1. O julgamento, o conselho dos vinte e três, que poderia infligir a punição de estrangulamento. 2. O Sinédrio, ou grande conselho, que poderia infligir a pena de apedrejamento. 3. O ser queimado no vale do filho de Hinom. Este parece ser o significado de nosso Senhor. Nosso Senhor aqui alude ao vale do filho de Hinom. Este lugar ficava perto de Jerusalém; e tinha sido usado anteriormente para esses sacrifícios abomináveis em que os judeus idólatras fizeram seus filhos passarem pelo fogo

para Moloch. " Com. in loc.

Não entendemos que um lançamento *literal* na Gehenna seja aqui inculcado - como Clarke e Wynne ensinam - mas que a mais severa de todas as punições é devida àqueles que desprezam os outros. O fogo da Gehenna é aqui usado figurativamente e não literalmente, mas seu tormento está nesta vida.

Barnes: "Neste versículo denota um grau de sofrimento superior ao castigo infligido pelo tribunal dos setenta, o Sinédrio. E todo o versículo pode, portanto, significar: Aquele que odeia seu irmão *sem causa*, é culpado de uma violação do sexto mandamento, e será punido com uma severidade semelhante àquela infligida pelo tribunal de julgamento. Aquele que permitir que suas paixões o transportem para extravagâncias ainda maiores, e fizer dele um objeto de escárnio e desprezo, será exposto a ainda mais punição mais severa, correspondente àquela que o Sinédrio, ou conselho, inflige. Mas aquele que carregar seu irmão com

denominações odiosas e linguagem abusiva, incorrerá no grau mais severo de punição, representado por ser queimado vivo no horrível e terrível vale de Hinom." (Com.) A. A. Livermore, D. D., diz: "Três graus de raiva são especificados, e três gradações correspondentes de punição, proporcionais aos diferentes graus de culpa. Onde essas punições serão infligidas, ele não diz, ele não precisa dizer. O homem , que nutre quaisquer sentimentos perversos contra seu irmão, é punido neste mundo; sua raiva é a tortura de sua alma e, a menos que ele se arrependa e a abandone, ela deverá provar sua desgraça em todos os estados futuros de seu ser.

Quer Jesus aqui se refira à Gehenna literal, quer faça destes três graus de punição emblemas das severas penalidades espirituais infligidas pelo Cristianismo, não há referência ao mundo futuro na linguagem usada. "Ao contrário dos ensinamentos do Judaísmo, Jesus ensinou que não era absolutamente necessário cometer o ato manifesto para

ser culpado diante de Deus, se um homem perversamente cedesse à tentação e abrigasse paixões e propósitos vis, ele seria culpado diante de Deus e receptivo à lei divina. Aquele que odiava seu irmão era um assassino. Jesus também ensinou que a punição sob seu governo era proporcional à criminalidade, como sob a dispensa legal. Ele se refere a três modos distintos de punição reconhecidos pelos regulamentos judaicos. Cada um deles excediam aos outros em severidade. Eles eram, primeiro, estrangulamento ou decapitação; segundo, apedrejamento; e terceiro, ser queimado vivo. O tribunal inferior ou tribunal, referido na passagem diante de nós, pelo termo 'julgamento', era composto de vinte e três juízes, ou como alguns homens eruditos pensam, de sete juízes e dois escribas. O tribunal superior, ou "conselho", era sem dúvida o Sinédrio, o mais alto tribunal eclesiástico e civil dos judeus, composto por setenta juízes, cuja prerrogativa era julgar os maiores infratores da lei, podendo até condenar os culpados à morte. Eles eram frequentemente condenados ao fogo da

Gehenna ou, como é traduzido, ao fogo do Inferno. Jesus não pretendia dizer que, sob a dispensação cristã, os homens deveriam ser levados perante os diferentes tribunais mencionados no texto para serem julgados, mas pretendia mostrar que, sob a nova economia da graça e da verdade, o homem ainda era sujeito de punição justiça retributiva, mas será julgado de acordo com os motivos do coração. 'Mas eu vos digo que quem estiver zangado com seu irmão *sem causa*, estará em perigo de julgamento.' De acordo com o princípio cristão, o homem é culpado se pretende fazer o que é errado.” “Proof Texts” de Livermore.

35. Lançado no Fogo do Inferno

"E se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e lança-o para longe de ti; porque te convém que um dos teus membros pereça, e não que todo *o teu corpo* seja lançado no inferno. E se a tua mão direita te ofender, corta-o e atira-o para longe de ti, porque te convém que

um dos teus membros pereça, e não que todo o teu corpo seja lançado no inferno.” (Mateus 5:28,29.) "E se o teu olho te ofende, arranca-o e lança-o para longe de ti: é melhor para ti entrar na vida com um olho, do que ter dois olhos e ser lançado no fogo do Inferno.” (Mateus 18:9) "E, se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor te é entrar na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo que nunca se apaga; [...] E, se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor te é entrar coxo na vida do que, tendo dois pés, ser lançado no inferno, no fogo que nunca se apaga; [...] E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor te é entrar no reino de Deus com um olho do que, tendo dois olhos, ser lançado no fogo do inferno; [...] Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal." (Marcos 9:43,45,47,49.)

Estas passagens significam que é melhor aceitar o cristianismo e renunciar a alguns privilégios mundanos, do que possuir todas as vantagens mundanas e ser esmagado pela destruição que estava

prestes a sobrevir aos judeus, quando multidões foram literalmente lançadas na Gehenna. Ou pode ser usado figurativamente, como provavelmente Jesus o usou, assim: é melhor entrar na vida cristã destituído de alguma grande vantagem mundana, comparável a uma mão direita, do que viver no pecado, com todos os privilégios mundanos, e experimentar a morte moral que é uma Gehenna da alma. Nesse sentido, pode ser usado para referir-se aos homens de hoje como de então. Mas não há referência a sofrimento *pós-morte,* em qualquer uso adequado dos termos. A verdadeira ideia da linguagem é esta: abraçar a vida cristã, qualquer que seja o sacrifício que ela exija. A última cláusula concretiza a ideia, ao falar do bicho que não morre.

(N.T.) Marcos 9:44,46,48: "Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga. " bicho: σκωληξ (G4663), skolex, vermes de mosca que sempre estão presentes em carne putrefata deixada ao ar livre, isto é, ao alcance de moscas.

36. O Verme Imortal

"Onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga." Sem dúvida, Jesus se referia à linguagem do profeta. "E acontecerá que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, toda a carne virá adorar diante de mim, diz o Senhor. E eles sairão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne." Isaías 66:23,24.

O profeta e o Salvador se referiram à derrubada de Jerusalém, embora por acomodação possamos aplicar a linguagem de maneira geral, entendendo por Inferno, ou Gehenna, aquela condição trazida à alma neste mundo pelo pecado. Mas a aplicação do profeta e do Salvador foi para o dia que logo chegaria. O verme imortal estava neste mundo.

Estrabão (Strabo c.63a.C.-24d.C.) chama a

lâmpada do Partenon, e Plutarco chama o fogo sagrado de um templo de "inextinguível", embora tenha sido extinto há muito tempo. Josefo diz que o fogo no altar do templo em Jerusalém foi “sempre inextinguível”, *amianto aei (αμιαντο αει),* embora o fogo tivesse se apagado e o templo estivesse destruído no momento em que ele escreveu. Eusébio diz que certos mártires de Alexandria "foram queimados em fogo inextinguível", embora tenha sido extinto no decorrer de uma hora, o mesmo epíteto em inglês que Homero tem em grego, *asbestos gelos,* (Ilíada, 1:599), risada inextinguível.

(N.T.)ἀμίαντος = imaculado; ἀ + μίαντος, o alfa significando o contrário da palavra seguinte, como o ”i” em i+maculado. De μιαίνω (G3392), tingir, manchar, poluir, contaminar. (αει=sempre).

ασβεστος, asbestos (G0762), α + σβεστος. Sbestos do verbo σβέννυμι = apagar, extinguir. Não há menção de tempo, é um fogo (metafórico) que não pode ser evitado, não que vá queimar para sempre.

Obs. O tradutor acredita que o autor se enganou aqui e trocou *asbestos* (inestinguível) por *amiantos* (imaculado) ainda que *amiantos* carrega o significado de não se "macular, manchar" pelo fogo também.

Bloomfield diz em suas Notas: "Negue a si mesmo até mesmo o que é mais desejável e atraente, e parece o mais necessário, quando o sacrifício é exigido pelo bem da sua alma. Alguns pensam que há uma alusão à amputação de membros doentes do corpo, para evitar a propagação de qualquer desordem." A. A. Livermore acrescenta: "A idéia principal aqui transmitida é a de punição, sofrimento extremo, e nenhuma indicação é dada quanto ao seu lugar ou duração, seja o que for que possa ser dito em outros textos em relação a esses pontos. A Maldade é o seu próprio inferno. Uma consciência injusta, desperta para o remorso, é mais terrível que o fogo ou o verme. Nesta vida e na próxima, o pecado e a desgraça estão para sempre unidos, Deus os uniu e o homem não pode separá-los.

Diz o Assistente Universalista: “Será que alguém sustentará que nosso Senhor pretendia contrastar a vida que seu evangelho pretende transmitir, e o reino que ele veio estabelecer, com os horrores *literais* do vale de Hinom? Parece-me que devo ver que os horrores deste lugar são usados apenas como *figuras,* e surge imediatamente a questão: Figuras de quê? Eu respondo: Figuras das consequências do pecado, da negligência do dever, da violação da lei de Deus.

E esses números não são usados tanto para representar a duração da punição, mas para indicar sua intensidade e seu caráter ininterrupto e contínuo enquanto durar, o que deve ser enquanto sua causa continuar, isto é, o pecado na alma. ."

Dr. Ballou diz no vol. 1, *Universalist Quarterly:* "Esta passagem é metafórica. Jesus usa este exemplo bem conhecido de um sacrifício muito doloroso para a preservação da vida corporal, apenas para que ele possa impor com mais força uma

solicitude correspondente para preservar a vida moral da alma. E se assim for, segue-se naturalmente que aqueles detalhes proeminentes nas passagens que literalmente se relacionam com o corpo devem ser entendidos como figuras e interpretados de acordo. Se o olho ou a mão de alguém se tornarem para ele uma ofensa ou causa de perigo, é melhor separar-nos dele do que deixá-lo corromper o corpo apto a ser lançado no vale de Hinom. É melhor negarmos a nós mesmos tudo o que for inocente e até mesmo valioso em si mesmo, caso se torne uma ocasião de pecado, para que não seja o meio de trazer sobre nós as mais terríveis consequências - consequências que são apropriadamente representadas na figura, tendo o cadáver desonrado e pútrido jogado no vale amaldiçoado de Hinom".

37. Destrua Alma e Corpo no Inferno

"E não temais os que matam o corpo, mas não são capazes de matar a alma; antes temei aquele que é capaz de destruir a

alma e o corpo no Inferno. Mateus 10:28. "Mas eu vos avisarei de antemão de quem deveries ter medo: Temei aquele que, depois de ter matado, tem poder para lançar no inferno: sim, eu vos digo: temei-o. " Lucas 12:5. O leitor desses versículos e da linguagem que os acompanha observará que Jesus está exortando seus discípulos a que tenham plena fé em Deus. O máximo que os homens podem fazer é destruir o corpo, mas Deus "é capaz", "tem poder" para destruir tanto a alma quanto o corpo na Gehenna. Não é dito que Deus tenha qualquer disposição ou propósito de fazê-lo. Ele é capaz de fazê-lo, como é dito (Mateus 3:9) ele é "capaz de destas pedras suscitar filhos a Abraão". Ele nunca o fêz e nunca o fará suscitar filhos a Abraão das pedras da rua, mas ele é capaz, assim como é capaz de destruir a alma e o corpo na Gehenna, enquanto os homens só poderiam destruir o corpo lá. Tema o grande poder de Deus que poderia, se quisesse, aniquilar o homem enquanto o pior que os homens poderiam fazer seria destruir a mera vida animal. É uma exortação vigorosa para confiar em

Deus e não faz referência ao tormento após a morte. Não tema aqueles que só podem torturar você, homem, mas tema a Deus que pode aniquilar (apokteino, αποκτεινο, G0615).

1. Esta linguagem foi dirigida por Cristo aos seus discípulos, e não aos pecadores.

2. Prova a capacidade de Deus de aniquilar (destruir) e não o seu propósito de atormentar. Donnegan define apollumi, "destruir completamente".

(N.T.) απολλυμι, apollumi (G0622)

Diz um escritor no *Universalist Expositor,* (Vol. 4): "Que era o desígnio de Cristo, levar seus discípulos a reverenciar o poder insuperável de Deus, que ele assim ilustrou, e não fazê-los temer uma destruição real de suas almas e corpos na Gehenna, parece evidente pelas palavras que se seguem imediatamente. Pois ele passa a mostrar-lhes que esse poder era constantemente exercido em favor deles - não contra eles. Veja os versículos

seguintes ."

A palavra traduzida como alma é psique (psuche, ψυχη G5590), vida, a mesma que no versículo 39: “Quem achar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á”. Além disso, João 13:37: “Darei a minha vida (την ψυχην μου) por ti”. A palavra psique é traduzida como “mente”, “alma”, “vida”, “ouvir”(?), “mentes” e “almas”. "E fizeram com que suas mentes (psique) fossem afetadas pelo mal contra os irmãos." Atos 14:2: “Fazer de coração a vontade de Deus” (psique). Ef. 6:6: "Aprendei de mim... e encontrareis descanso para as vossas almas." (psique). Mat. 11:29: "Que toda alma (psique) esteja sujeita aos poderes superiores." Rom. 13:1. Não se trata da alma imortal, mas da vida. Como se Jesus tivesse dito: “Não tema aqueles que só podem matar o corpo, mas sim aquele que, se quisesse, poderia aniquilar todo o ser”. Não tema o homem, mas a Deus. "Isso pode ser suficiente para mostrar o fato admitido de que a destruição da alma e do corpo foi uma frase proverbial, indicando extinção

total ou destruição completa." (Paige.)

O Dr. W. E. Manley observa que a condição ameaçada "é aquela em que o corpo pode ser morto. E ninguém imaginou tal lugar, fora do atual estado de ser. Nem pode haver a menor dúvida sobre a natureza desta morte do corpo; pois a passagem é construída de modo a resolver esta questão além de qualquer controvérsia. Ela está tirando a vida natural como foi feito pelos perseguidores dos apóstolos. Os judeus estavam em uma condição de depravação devidamente representada pela Gehenna. Os apóstolos tinham estado naquela condição, mas foram libertos dela. Eles estavam em perigo, no entanto, de apostasia que os traria novamente à mesma condição em que perderiam suas vidas naturais e sofreriam a morte moral além disso. Supondo que o termo Inferno se referisse a denotar uma condição agora na vida presente, não há absurdo envolvido. Homens pecadores podem aqui sofrer tanto a morte natural quanto a morte moral; mas na vida futura a morte natural

não pode ser sofrida; o que quer que se possa dizer da morte moral. Acrescente a isso que os judeus usaram a Gehenna como emblema de uma condição temporal, na época de Cristo; mas não há evidências de que o tenham usado para representar punição futura. Isso foi afirmado muitas vezes, mas nunca foi provado. Concluindo, o significado desta passagem pode ser expresso em poucas palavras. Não tema os homens, seus perseguidores, que só podem infligir-lhe sofrimento corporal. Mas tema antes aquele que é capaz de infligir sofrimento corporal e, o que é pior, sofrimento mental e moral, naquela condição de depravação representada pela localidade (Gehenna) suja e revoltante conhecida pelo povo judeu."

Dr. Parkhurst observa que o fogo do Inferno, literalmente Gehenna de fogo, "em seu sentido externo e primário, se relaciona com aquela terrível condenação de ser queimado vivo no vale de Hinom". Schleusner: "Qualquer punição severa, especialmente um tipo vergonhoso de morte, era denominada Gehenna."

38. Filho do Inferno

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito; e quando ele é feito, vós o tornais duas vezes mais filho do Inferno do que vós." Mat. 23:15. Olhando para o vale fumegante e pensando em suas corrupções e abominações, chamar um homem de "filho da "Gehenna" era dizer que seu coração era corrupto e seu caráter vil, mas não indicava mais um lugar de angústia após a morte do que um residente de Nova York implicaria tal lugar ao chamar um homem mau de filho de Five Points.

39. A Maldição do Inferno

"Vós, serpentes, geração de víboras! como podeis escapar da condenação do Inferno? (Gehenna)" Mat. 23:33. Este versículo sem dúvida se refere à destruição literal que logo depois se abateu sobre a nação judaica, quando seiscentos mil

experimentaram literalmente a condenação da Gehenna, perecendo miseravelmente pelo fogo e pela espada. As próximas palavras explicam esta condenação: “Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e alguns deles matareis e crucificareis; e alguns deles açoitareis em vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós caia todo o sangue justo, derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo: todas estas coisas virão sobre esta geração”.

Isto foi profetizado muito antes por Jeremias (capítulo 19): “Então veio Jeremias de Tofete, para onde o Senhor o enviara para profetizar; e pôs-se no átrio da casa do Senhor, e disse a todo o povo: Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que trarei sobre esta cidade, e sobre todas as suas vilas, todo o mal que pronunciei contra ela; porque endureceram a sua cerviz, para não

ouvirem as minhas palavras. Isaías faz referência ao mesmo no capítulo 66:24: “ E sairão, e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão em horror a toda a carne." Isto explica o “fogo inextinguível” e o “verme imortal”. Eles estão neste mundo.

40. Língua Incendiada pelo Inferno

"E a língua é um fogo, um mundo de iniqüidade; assim é a língua entre nossos membros, que contamina todo o corpo e incendeia o curso da natureza; e é incendiada pelo Inferno (Gehenna)." Tiago 3:6. Uma língua incendiada pela Gehenna quando Tiago escreveu era entendida assim como em Londres uma língua inspirada em Billingsgate, ou em Nova York por Five Points, ou em Boston pela Ann Street, ou em Chicago pela Quinta Avenida seria entendida, ou seja, uma língua profana e vulgar. Nenhuma referência foi feita a qualquer lugar de tormento pós-morte, mas a alusão foi

apenas a uma localidade bem conhecida por todos os judeus, como um lugar de corrupção, e foi aplicada figurativa e apropriadamente a uma língua vil.

41. Conclusão

Assim, explicamos brevemente todas as passagens em que ocorre a Gehenna. Existe alguma indicação de que denota um local de punição após a morte? Nenhum. Se isso significa um lugar assim, ninguém pode deixar de acreditar que é um lugar de fogo literal, e toda a conversa moderna sobre um Inferno de consciência é muito errônea. Mas o fato de não ter tal significado é corroborado pelo testemunho de Paulo, que diz que ele "não se esquivou de declarar todo o conselho de Deus", e ainda assim ele nunca em todos os seus escritos emprega a palavra uma vez, nem usa a palavra *Hades*, exceto uma vez e para falar de sua destruição: "oh *Hades*, onde está a tua vitória?" Se Paulo acreditasse num lugar de tormento sem fim, ele teria ficado totalmente silencioso em relação a isso, durante todo o seu

ministério? Sua reticência é uma demonstração de que ele não tinha fé nisso, embora os judeus e os pagãos ao seu redor o pregassem e acreditassem implicitamente.

Uma leitura cuidadosa do Antigo Testamento mostra que *o vale de Hinom* era um vale bem conhecido e repulsivo perto de Jerusalém, e uma leitura igualmente cuidadosa do Novo Testamento ensina que a *Gehenna,* ou *vale de Hinom,* como foi explicado, era sempre neste mundo (Jeremias 7:29-34; 19:4-15; Mat. 10:28), e deveria acontecer aos pecadores daquela geração (Mat. 24) nesta vida (Mat. 10:39), antes que os discípulos tivessem passado por todas as cidades de Israel (Mat. 10:23), e que os *corpos* e almas estavam expostos às calamidades. A palavra Gehenna só foi usada no Novo Testamento em cinco *ocasiões,* ou em poucas ocasiões, ou então os ministros modernos usam-no demais.

(N.T.) *ocasiões,* não cada referência à palavra Gehenna (Textus Receptus):

1º) Mateus 5:22; Mateus 5:29; Mateus 5:30
2º) Mateus 10:28
3º) Mateus 18:9
4º) Mateus 23:15
5º) Mateus 23:33
(Marcos 9:43; Marcos 9:45; Marcos 9:47; Lucas 12:5 são repetições de Mateus, exceto Tiago 3:6 que não é repetição, então foram 12 versículos em seis ocasiões no Novo Testamento, *cinco ocasiões por Jesus* e uma por Tiago.)

João, que escreveu para os gentios, e Paulo, que foi o grande apóstolo dos gentios, nunca a usaram uma única vez, nem Pedro. Se tivesse aplicação e significado local poderíamos entender isso, mas se fosse o nome do receptáculo das almas condenadas por toda a eternidade, seria impossível explicar tal inconsistência. O significado principal da Gehenna é a conhecida localidade perto de Jerusalém; mas às vezes era usado para denotar as consequências do pecado nesta vida. Deve ser entendido nesses dois sentidos em todas as doze passagens do Novo Testamento. No *segundo século* depois de Cristo, passou a denotar um lugar de tormento após a morte, mas nunca é empregado nesse sentido no

Antigo Testamento, no Novo Testamento, nos Apócrifos, nem foi usado por qualquer contemporâneo de Cristo com esse significado, nem foi assim empregado por qualquer cristão até que Justino e Clemente o fizeram (150 d.C.) (e este último era um universalista), nem por qualquer judeu até o targum de Jonathan Ben Uzziel cerca de um século depois. E mesmo então denotava apenas futuro, mas não denotava punição *sem fim,* até um período ainda posterior.

O autor inglês Charles Kingsley escreve (Cartas) a um amigo: “A doutrina não ocorre em nenhum lugar do Antigo Testamento, nem qualquer indício dela. A expressão no final de Isaías sobre o fogo não apagado e o verme não morrer é claramente dos cadáveres de homens na terra física, no vale de Hinom ou Gehenna, onde o lixo de Jerusalém era queimado perpetuamente." A doutrina do tormento sem fim foi um fato histórico, trazido da Babilônia pelos rabinos. Pode ser uma doutrina primária muito antiga dos Magos, um apêndice do seu reino de fogo

de Ahriman e pode ser encontrada nos antigos Zends, muito antes do Cristianismo. "São Paulo não aceita nada disso, pelo que podemos dizer, nunca fazendo a menor alusão à doutrina (do tormento sem fim)." O apocalipse simplesmente repete a imagem de Isaías e de nosso Senhor; mas afirma claramente que a tortura tem fim, declarando que na consumação, não apenas a morte, mas o Inferno serão lançados no lago de fogo.

"A Igreja Cristã nunca o manteve castigo sem fim como única alternativa até agora. Permaneceu uma questão bastante aberta até a idade de Justiniano, 530, e significativamente, 200 anos antes disso, quando o tormento sem fim para os pagãos tornou-se uma teoria popular, o purgatório surgiu. Surge simultaneamente ao lado dele, como um alívio para a consciência e a razão da igreja”.

O Cônego Farrar diz com veracidade, em sua “Esperança Eterna”: “E, finalmente, a palavra traduzida como Inferno é em um lugar a palavra grega ‘Tártaro’, como uma

palavra emprestada (da mitologia grega) para a prisão de espíritos malignos, não depois, mas antes da ressurreição. Está em dez lugares '*Hades*', que significa simplesmente o mundo além do túmulo, e em doze lugares 'Gehenna', que significa principalmente o Vale de Hinom fora de Jerusalém, onde depois de ter sido poluído pela adoração de Moloch, cadáveres foram colocados lá e fogos foram acesos; e, em segundo lugar, é uma metáfora não de uma punição final e sem esperança, mas daquela punição purificadora e corretiva que, como todos acreditamos, aguarda o pecado impenitente, tanto aqui quanto além da sepultura. Mas seja solenemente observado, os judeus a quem e em cujo sentido metafórico a palavra foi usada por nosso bendito Senhor, nunca, nem então nem em qualquer outro período, atribuiram à palavra 'Gehenna', que Jesus usou, aquele significado de tormento sem fim que fomos ensinados a aplicar para o Inferno. Para eles e, portanto, nos lábios de nosso bendito Salvador que lhes dirigiu isso, significa não um fogo material e eterno, mas uma

retribuição intermediária, metafórica e terminal."

No Excurso II, "Esperança Eterna", ele diz que a "condenação do Inferno é o" julgamento da Gehenna "muito diferente"; e o fogo do Inferno é a "Gehenna de fogo", "uma expressão que nos lábios judeus nunca foi aplicada nos dias de nosso Senhor para tormento sem fim. Orígenes nos diz (Contra Celso 6:25) que ao encontrar a palavra Gehenna nos Evangelhos para o local de punição, ele fez uma pesquisa especial sobre seu significado e história; e depois de mencionar (1) o Vale de Hinom e (2) um fogo purificador (εις την μετά βασάνων καθαρσιν, eis ten meta basanon katharsin, na purificação pós-sofrimento), ele misteriosamente acrescenta que acha imprudente falar sem reservas sobre suas descobertas. Ninguém que leia a passagem pode duvidar que ele pretende implicar o uso da palavra 'Gehenna' entre os judeus para indicar um castigo terminável, e não um castigo sem fim."

A palavra inglesa Hell (Inferno) ocorre na Bíblia cinquenta e cinco vezes, trinta e duas no Antigo Testamento e vinte e três no Novo Testamento. Os termos originais traduzidos como Inferno, *Sheol-Hades* ocorrem sessenta e quatro vezes no Antigo Testamento e vinte e quatro vezes no Novo Testamento; *Hades* onze vezes, Gehenna doze vezes e Tártaro uma vez. Em todos os casos, o significado é a morte, a sepultura ou as consequências do pecado nesta vida. Assim, a palavra Inferno na Bíblia, quer seja traduzida de *Sheol, Hades, Gehenna* ou *Tártaro,* não dá nenhum apoio à doutrina do castigo futuro, muito menos do castigo sem fim. Não se deve concluir, contudo, das nossas exposições sobre o uso da palavra Inferno, na Bíblia, que os universalistas negam que as consequências do pecado se estendam à vida além-túmulo. Negamos que a inspiração tenha nomeado o Inferno como um lugar ou condição de punição no mundo espiritual. Parece uma conclusão filosófica e há Escrituras que parecem, para muitos universalistas, ensinar que a vida futura é afetada, em maior ou menor

grau, pela conduta humana aqui; mas ninguém acredita que o *Inferno* seja um lugar ou condição de sofrimento após a morte e, como acreditamos ter mostrado, as Escrituras nunca o designam assim. Sheol, *Hades* e Tártaro denotavam a morte literal ou as consequências do pecado aqui (na Terra), e Gehenna era o nome de uma localidade bem conhecida de todos os judeus, na qual às vezes corpos de homens eram lançados e se tornava um emblema de grandes calamidades ou sofrimentos resultantes do pecado. O inferno na Bíblia, em todos os cinquenta e cinco casos em que a palavra ocorre, sempre se refere ao presente e nunca ao mundo imortal.

Fim

Do original em inglês:
THE BIBLE HELL, The words rendered hell in the bible, Sheol, Hades, Tartarus and Gehenna, shown to denote a state of temporal duration. All the texts containing the word examined and explained in harmony with

the doctrine of universal salvation. By John Wesley Hanson (D.D.) Fourth Edition Boston: Universalist Publishing House, 1888

....

Para mais livros em PDF sobre Universalismo Cristão e sobre o Sadhu Sundar Singh, visite:
https://independent.academia.edu/MaxwellBorges1

https://archive.org/details/@maxborges

Universalismo Afirmado por Thomas Allin, 1895
Universalismo Afirmado como a esperanca do Evangelho na autoridade da Razao dos Pais e das Sagradas Escrituras, 1895

Comentário por EDNA LYALL (Autora

Universalista):
UNIVERSALISMO AFIRMADO parece-me preencher uma grande carência atual. Fazia-se necessário um livro que abordasse de maneira justa e completa o assunto da punição futura, pois embora existam muitos trabalhos sobre o assunto, eles ou abordam apenas um aspecto do assunto, ou foram escritos apenas para estudiosos, não para as multidões. O texto do Sr. Allin é escrito enfaticamente de forma que pode ser compreendido pelo povo, e certamente seu livro deve matar a falsa acusação tantas vezes feita de que, aqueles que acreditam no triunfo final de Cristo, e na redenção do mundo, fazem pouco do pecado.

História Antiga do Universalismo: desde o tempo dos apóstolos, até o Quinto Concílio Geral: com um apêndice, traçando a doutrina até a Reforma 1872 por **Hosea Ballou II (2d)** D.D. (1796-1861).

História das Opiniões sobre a Doutrina Bíblica da Retribuição – 1878 - por Edward Beecher

Neste momento, existem pelo menos quatro posições assumidas quanto aos destinos dos ímpios: 1. Que eles serão finalmente

aniquilados (deixarão de existir). 2. Que eles serão finalmente restaurados à santidade e felicidade. 3. Que sua punição é infinita (inferno eterno). 4. Que não podemos decidir qual dessas opiniões é a verdade. Não era meu propósito, como historiador, atacar ou defender qualquer uma dessas posições. Mas não era possível dar opiniões sobre a época de Cristo e da Igreja primitiva sem perguntar como eles entendiam suas palavras. A posição que assumi neste ponto não estava prevista quando comecei este trabalho. Eu havia adotado a visão tradicional comum, até que entrei em contato com as opiniões daquele eminente erudito cristão, o Dr. Tayler Lewis, a quem desejo expressar aqui minha grande dívida e minha profunda gratidão. Sua fidelidade ao sistema evangélico é inquestionável, mas a ampliação de seus pontos de vista e sua devoção à verdade foram tais que o ergueram acima dos preconceitos locais e lhe deram coragem não apenas para divergir das opiniões tradicionais há muito estabelecidas, mas também, quando totalmente convencido, clara e inequivocamente para anunciar suas

conclusões.

RAÇA E RELIGIÃO **Teologia helenística:** seu lugar no pensamento cristão **por THOMAS ALLIN, D.D. ,, 1899**

O autor de "Universalismo Afirmado" faz um estudo sobre a mentalidade grega (helênica) e os teólogos dos séculos 2 ao 5 em Alexandria, Antioquia, Capadócia, Constantinopla, etc. Mostra que seu modo de pensar é significativamente diferente dos latinos (Ocidentais). Estes últimos que nos legaram uma mentalidade diferente da helênica e o principal da teologia ensinada hoje tanto na igreja Católica Romana como nas Protestantes (Agostinianismo). No livro seguinte "Revolução Agostiniana na Teologia" ele explora mais este tema.

A REVOLUÇÃO AGOSTINIANA NA TEOLOGIA ILUSTRADO POR UMA COMPARAÇÃO COM O ENSINO DOS TEÓLOGOS DE ANTIOQUIA DOS SÉCULOS QUARTO E QUINTO

POR THOMAS ALLIN, D.D., 1911

Agostinho, como tentarei mostrar, e sempre com a autoridade de seus próprios escritos, foi na verdade o maior revolucionário dos tempos primitivos. Por pura força de gênio e

força de vontade, ele desviou e obscureceu todo o curso do pensamento cristão no Ocidente. Ele deixou a cristandade latina, na sua morte, o terrível legado da crença em uma divindade irada e cruel, a cujos pés toda a família humana se assenta aterrorizada; destinados à perdição já, antes do nascimento, e nunca em nenhum sentido redimidos por Jesus Cristo - não filhos de Deus, mas escravos, e sem nenhum direito sobre Deus, exceto um apelo a uma justiça oculta que nenhum homem, nenhum santo, nenhum anjo, pode esperar entender.

Sadhu Sundar Singh - VISÕES DO MUNDO ESPIRITUAL
A VIDA ESPIRITUAL, SEUS DIFERENTES ESTADOS DE EXISTÊNCIA E O DESTINO DOS HOMENS BONS E MAUS COMO VISTO EM VISÕES – 1926

Sadhu Sundar Singh - REALIDADE E RELIGIÃO -
MEDITAÇÕES SOBRE DEUS, O HOMEM E A NATUREZA - 1924
... idéias e ilustrações resultantes da minha meditação. Não sou filósofo nem teólogo, mas um humilde servo do Senhor, cujo prazer é meditar no amor de Deus e nas grandes maravilhas de Sua criação. É impossível

descrever tudo o que sei e sinto sobre a Realidade através dos meus sentidos internos na meditação e na oração. As palavras não podem expressar todas as verdades profundas que a alma sente nesses momentos solenes. SUNDAR SINGH

...

E muitos outros títulos!